

STEPHEN KING: SMITH É UM GÊNIO CULTURAL

CHRISTOPHER SMITH

DE MANHATTAN COM AMOR



UMA NOVELA DA SÉRIE QUINTA AVENIDA

STEPHEN KING: SMITH É UM GÊNIO CULTURAL

CHRISTOPHER SMITH

DE MANHATTAN COM AMOR

UMA NOVELA DA SÉRIE QUINTA AVENIDA

DE MANHATTAN, COM AMOR

ÍNDICE

[Capítulo 1](#)
[Capítulo 2](#)
[Capítulo 3](#)
[Capítulo 4](#)
[Capítulo 5](#)
[Capítulo 6](#)
[Capítulo 7](#)
[Capítulo 8](#)
[Capítulo 9](#)
[Capítulo 10](#)
[Capítulo 11](#)
[Capítulo 12](#)
[Capítulo 13](#)
[EPILOGO](#)

**Livros de Christopher Smith
no Kindle**

[Quinta Avenida \(Livro Um da Série Quinta Avenida\)](#)
[Corrida de Touros \(Livro Dois da Série Quinta Avenida\)](#)
[De Manhattan, com Amor \(Novela Três da Série Quinta Avenida\)](#)
[Coleção da Série Quinta Avenida](#)
[Coleção da Série The Bullied](#)
[From Manhattan with Revenge \(Livro Quatro da Série Quinta Avenida, em tradução\)](#)
[A Rush to Violence \(Livro Cinco da Série Quinta Avenida\)](#)
[You Only Die Twice](#)

DE MANHATTAN, COM AMOR

Uma Novela

De Christopher Smith

CAPÍTULO 1

Carmen Gragera atacou o coração do filé com uma faca e olhou para o outro lado da mesa, onde estava o homem que fora contratada para matar.

Eles estavam jantando em um restaurante afastado no Upper East Side, não muito longe do Central Park e, ao observá-lo comer, ela não pensava em como o mataria, mas se o mataria.

O contrato com o qual concordara fora específico: matar Alex Williams às nove horas. Rapidamente, mas não de forma limpa. A imprensa costumava dar pouca atenção a um assassinato limpo. O que queriam era algo obscuro e exagerado, particularmente em se tratando de um homem tão infame para o FBI quanto Williams o era.

Quando terminasse com ele, ela deveria pegar um táxi para o aeroporto LaGuardia e voar de volta para Paris no voo noturno. Se realmente o matasse, a metade restante do pagamento seria transferida para sua conta pela manhã.

Faltavam noventa minutos para as nove horas.

Carmen olhou para o filé, que estava tão mal passado que uma poça de suco avermelhado se formara em torno dele. Ela continuou brincando com a comida enquanto pesava as opções, que eram, na verdade, duas.

Ela poderia matá-lo. Cinco milhões de dólares era muito dinheiro para deixar na mesa simplesmente porque quebrara suas próprias regras e cometera o erro de se apaixonar por ele.

Ou poderia deixá-lo ir e dizer que, quando foi matá-lo, ele escapara. Ficariam furiosos com ela, mas, como sabiam do que ele era capaz, não haveria motivos para questioná-la.

O problema nesse caso é que ela nunca mais trabalharia para eles, o que, financeiramente, seria ruim, pois a contratavam com frequência e pagavam bem. Mas, pior do que isso, ela sabia o que

eles fariam. Contratariam outra pessoa para matá-lo. Era uma situação em que não havia como ganhar. De uma forma ou de outra, ele morreria.

Ele pegou o copo de vinho e olhou para ela. — No que está pensando? — perguntou ele. — Mal tocou na comida. Ela está boa?

— Está.

— Então, por que não está comendo?

— Não estou com tanta fome quanto pensei.

— Ora, vamos — disse ele. — É nossa última noite juntos. Você precisa comer alguma coisa. A comida que servirão no avião será uma merda comparada com essa.

— Eu sei.

Ele fez uma careta para ela. — Qual o problema? Você parece triste.

— Eu não fico triste.

— Ouça, Carmen. Nós trabalharemos juntos de novo. Pode ser em alguns meses ou alguns anos, mas acontecerá.

Ele podia ler a mente dela?

— E o que aconteceu na noite passada não precisa ser a última vez. Na verdade, eu preferia que não fosse.

Meu Deus.

Alex Williams tinha trinta e oito anos, um metro e oitenta e oito de altura, cabelos pretos ondulados e fartos e absolutamente masculino. Como Carmen, ele era um assassino internacional, que ela considerava como um dos melhores e mais brilhantes.

No decorrer dos anos, eles trabalharam juntos em diversas missões, mas a última fora a melhor e mais desafiadora colaboração por causa do alto grau de dificuldade envolvido na execução.

Contra todas as chances, eles mataram o presidente de uma grande corporação, o que fora complicado porque o homem era um bilionário paranoico cercado de seguranças vinte e quatro horas por dia. Passar por eles e chegar ao alvo levava seis semanas de paciência e planejamento. Mas, na noite passada, tinham matado o homem e hoje o trabalho deles estava em todos os noticiários nacionais.

O problema fora que, no dia anterior, eles também fizeram mais uma coisa. Pela primeira vez desde que se conheceram, eles fizeram

amor, e Carmen agora se arrependia disso. Ela nunca ultrapassara aquela linha com os colegas. Mas quando Alex saíra do quarto com uma garrafa de vinho para comemorar o assassinato, eles beberam de estômago vazio e sucumbiram à tensão sexual que sempre existira entre eles.

– Acho que cometemos um erro ontem – disse ela.

Ele cortou um pedaço do filé e o colocou na boca enquanto olhava para ela. – Eu não acho.

– O sexo estraga tudo.

– Não precisa estragar. Somos adultos. Estaríamos mentindo se disséssemos que não houve uma atração mútua. Sempre houve. O que aconteceu, aconteceu. Eu não me arrependo.

– Eu nunca me envolvo com quem trabalho.

– Acho que não pode mais dizer isso.

– Prefiro encontros de uma noite só. – Isso soou como mentira quando o disse e ele percebeu. A verdade é que ela raramente fazia sexo. Ela não conseguia se lembrar de quanto tempo fazia.

– É mesmo?

– Ora, vamos, Alex. Nossos trabalhos nos levam a todos os lugares. Sempre há a chance de que não nos vejamos nunca mais.

– Não acredito nisso. Não estamos sempre trabalhando e não há motivo para não tirarmos alguns dias de folga e nos encontrarmos, seja aqui ou em algum outro canto do mundo.

As mãos dela estavam no colo. Ela desviou os olhos dele e, enquanto sacudia a cabeça em reação ao comentário dele, olhou casualmente para o relógio. Tinha setenta e cinco minutos para tomar uma decisão e não tinha certeza ainda do que deveria fazer.

Na mesa ao lado, um casal inclinava-se em direção à luz da vela entre eles. Estavam discutindo abertamente apesar das conversas ao redor, do barulho de louças e talheres sendo retirados das mesas, dos sons dos pedidos sendo recebidos e das garrafas de vinho sendo abertas. Eles estavam absortos demais para notar.

Carmen os observou por um momento. Eles eram bonitos, tinham provavelmente trinta e poucos anos, bem-sucedidos ou mergulhados em dívidas, considerando a bolsa Birkin que estava aos pés dela e do relógio grande niquelado no pulso dele. A mulher estava tentando permanecer calma. Estava com os braços cruzados e tinha um olhar

de desinteresse no rosto. Ele, por outro lado, parecia estranhamente demoníaco nas sombras lançadas em seu rosto pela vela. Carmen prestou atenção e ouviu falarem de dinheiro – ou do uso indevido dele – enquanto ele pegava o que era uma garrafa de vinho que provavelmente custara duzentos dólares e enchia o copo.

– Ainda está comigo?

– Sinto muito. – Ela acenou com a cabeça para a outra mesa no momento em que a mulher bocejou. – Eu estava prestando atenção neles.

– Procurando motivos para ficar solteira?

– Acho que sempre vou ser solteira.

– Por quê? Não podemos permanecer nesse jogo para sempre. Há uma fase dois para cada um de nós. Qual é a sua?

– Eu em uma praia em Bora Bora.

– Quer companhia?

– Por que está fazendo isso?

– Porque gostei da noite passada. Penso em você quando não estamos trabalhando juntos. Acho que é algo que vale a pena explorar. – Ele parou por um momento e pareceu tomar uma decisão. – Mas vai além disso. Há algo que me pediram para fazer hoje à noite que sei que não posso fazer.

Os olhos dela encontraram-se com os dele.

– Parte do meu contrato era sair com você hoje à noite, Carmen. Não há passagem alguma esperando no LaGuardia. Quando terminamos o trabalho principal, recebi um segundo. Que era para matar você.

CAPÍTULO 2

Ela permaneceu imóvel na cadeira, estudando o rosto dele enquanto o instinto a invadia. Procurou as mãos dele e viu-as sobre a mesa, uma segurando o pé do copo de vinho, a outra segurando a faca de carne. Ela não afastou o olhar da faca até que ele a soltou.

– Deixe-me adivinhar – disse ela. – Deveria ser feito às nove horas hoje à noite? Uma morte exagerada porque a imprensa gosta de exageros? Era assim que deveria fazê-lo?

Ele esperou um momento de silêncio.

– Você deveria tirar uma fotografia e enviá-la eletronicamente a eles, provando que eu estava morta? Estou certa?

Não havia necessidade de resposta.

– Estive lutando com isso a noite inteira – disse ela. – Foi por isso que não consegui comer. E você estava certo mais cedo. Estou triste. Pediram-me que matasse você, Alex.

Foi quase imperceptível, mas ela viu. A mão dele aproximou-se da faca. – E você ia me matar?

Ela recostou-se na cadeira e sentiu a arma escondida nas costas. Ele tinha a vantagem com a faca, mas ela era rápida, poderia desviar-se. Se ele fizesse algum movimento, ela atiraria o copo de vinho tinto no rosto dele, o deixaria cego com seus ácidos e, depois disso, pegaria a arma.

– Obviamente não, ou não teria contado a você. E, por falar nisso, eu contei primeiro. E se eu não tivesse falado nada?

– Eu provavelmente continuaria sentada aqui pensando as opções.

– Então, estava considerando o assunto?

– É o que fazemos, Alex.

– É o que fazemos com *estranhos*.

– Não o tempo todo, e você sabe disso. – Ela estudou o rosto dele. – Olhe, se isso o faz sentir-se melhor, era muito improvável que eu o matasse.

– Por quê?

— Porque não preciso do dinheiro. Se eu dissesse a eles que estraguei tudo, eles mandariam outra pessoa para terminar o serviço.

— E você não teria me avisado?

— Eu não sei o que teria feito. Mas eis o que eu sei: eles querem nós dois mortos. Estão apostando que, apesar da história que temos juntos, um de nós aceitaria por causa dos cinco milhões. Foi esse o valor que ofereceram a você?

Ele assentiu.

— Então, com um de nós morto, teriam somente um para matar. Não é um mau negócio. Você disse que não há passagem alguma para mim no LaGuardia? Na verdade, aposto como há uma passagem para cada um de nós no LaGuardia. Você me disse que ia ficar na cidade. Para onde ia essa noite?

— Espanha.

— E, se chegasse lá, eles o matariam. Se eu chegasse em Paris, eles me matariam.

— Por que estão fazendo isso?

Ela deu de ombros. — Vai saber? Talvez saibamos demais. Tivemos acesso ao tipo de informação que poderia levar a chantagem, especialmente depois desse último trabalho. Nada que fizemos para eles foi tão importante nem atraiu esse tipo de atenção da imprensa. Obviamente, nosso tempo com eles acabou. Nós dois somos alvos.

— Podem estar nos observando agora.

— Você e eu nunca entramos em um lugar sem primeiro analisar a área. É o que fazemos. Não vi nada de incomum quando entramos. Você viu?

— Não.

— Mas isso não significa que não haja alguém lá fora agora. Ou talvez até mesmo aqui dentro conosco. Para garantir nossa segurança, provavelmente deveríamos comer e parecermos menos intensos.

Ela cortou o filé e comeu um pedaço da carne fria. Serviu um pouco mais de vinho e disse que o filé estava uma delícia. Ela abaixou a mão até a bolsa e a abriu. Ele a observou. Ela comeu mais um pedaço do filé. O garfo caiu da mão dela. Ela abaixou-se para

pegá-lo e, quando o fez, moveu o corpo de tal forma que ninguém no aposento pôde vê-la pegando o pote de molho de carne que estava na mesa e jogando-o dentro da bolsa.

– O que está fazendo? – perguntou ele.

– Pegando o meu garfo. Vou precisar de um limpo. – Ela olhou em torno, procurando o garçom, conseguiu atrair a atenção dele e sinalizou que precisava de outro garfo, que chegou rapidamente.

– O que está planejando?

– Você vai atirar na minha cabeça – disse ela. – Vai fotografar e enviar a fotografia para eles, exatamente como pediram.

– Do que está falando?

– Você confia em mim, Alex?

– Depois dessa conversa?

– Preciso saber se confia em mim. Se o que aconteceu na noite passada significou alguma coisa para você, preciso que pese seus sentimentos e me diga se confia em mim.

– Eu não sei.

– É justo – disse ela, cortando outro pedaço de carne. – Eu entendo. Cinco milhões é muito dinheiro. Também não sei se posso confiar em você. Então, precisarei assumir o risco, porque a noite passada significou algo para mim e acho que significou para você também. Você vai atirar na minha cabeça e vai enviar a foto a eles.

Ela apontou o garfo para ele. – E então você sabe exatamente quem mataremos.

CAPÍTULO 3

— Você precisa ser mais clara com esse seu plano — disse ele.

— É simples. Encontramos um beco ou vamos para o parque. Eu deito no chão, você derrama aquele molho de carne em volta da minha cabeça, espirra um pouco dele no meu rosto e tira a fotografia. O sangue sempre parece escuro à noite e nunca vermelho. Eles sabem disso. Acreditarão no que verão porque parecerá real. Eu sei a aparência de um rosto morto porque lidei com bastante deles na vida. Eles querem alguém morto? Terão alguém morto.

— Não é uma má ideia — disse ele.

— É uma ideia brilhante. A pergunta é: você decidirá me matar de verdade porque acredita que ainda tem uma chance de receber aquele dinheiro? Se é isso que está pensando, eis o que precisa saber: não espere que o dinheiro seja depositado em sua conta bancária amanhã de manhã. Ele não estará lá. Eles saberão que você não pegou o voo para a Espanha. Saberão que sentiu que havia alguma coisa de errado e virão atrás de você com tudo o que têm. Não somos os únicos assassinos no mundo, Alex. Eu trabalhei com alguns dos melhores, e você também. Imagine se contratam Vincent Spocatti para fazer o trabalho. Eu trabalhei com ele e sei o quanto é bom. O que você faria se eles entrassem em contato com ele? Ele é o melhor no mercado. Nada pessoal, mas você não é páreo para ele. Nem eu.

Ela pegou o copo de vinho e tomou um gole.

— Por que todo o foco é em mim? — perguntou ele. — Como sei que não está planejando me matar?

— Porque, na verdade, prefiro ficar com você. Eu acho que há algo entre nós. Mas temos esse problema. Somos assassinos. Por tempo demais, estivemos por nossa conta. Raramente confiamos em alguém. E como superamos isso? Quero confiar em você, mas não tenho certeza se posso. Tenho a impressão de que você sente a

mesma coisa.

– Sim.

– Então, o que fazemos? Um voto de confiança? Esperamos o melhor?

Alex estudou o rosto dela e ela tinha ideia do que ele estava pensando. Se ele mostrasse lealdade a eles matando Carmen, iriam atrás dele? Havia uma chance de que não fossem, e ela sabia disso. Fora por isso que, ao se fingir de morta para ele, o rosto morto seria um com os olhos bem abertos. Se ele pegasse a arma, ela saberia e pegaria a sua. Quem fosse mais rápido venceria.

Mas será que iriam atrás dele? Tudo dependeria do que acontecesse a seguir. Se as pessoas com quem estavam lidando realmente os quisessem mortos, garantiriam que isso acontecesse. E isso era algo que nenhum dos dois sabia.

– São quase nove horas – disse ela.

– É, eu sei.

– Estamos no prazo.

– Você é boa com as palavras.

– Então, está pronto para me matar?

Quando ele falou, a tristeza na voz era inconfundível. – Acho que não tenho opção, Carmen.

CAPÍTULO 4

No lado de fora, eles caminharam até a Quinta e pegaram a entrada para crianças do parque na rua 76.

Era outono e o ar estava frio. Carmen discretamente avaliou os arredores e sentiu que Alex fazia o mesmo. Na cidade, ainda era cedo para um sábado à noite e havia várias pessoas na Quinta, incluindo uma mulher que corria na rua, o rabo de cavalo loiro balançando atrás dela como se tivesse personalidade própria.

Ninguém aqui disparou os alarmes deles. Não parecia que conseguiriam ficar mais a sós do que estavam.

Alex colocou o braço sobre os ombros dela e a trouxe para mais perto. Inicialmente, ela ficou surpresa com o gesto. Mas depois, quando o braço dele encostou na coronha da arma dela, Carmen ficou imaginando se fora por isso que ele a abraçara.

Os dois sabiam o que o outro estava armado, mas não sabiam exatamente onde estava a arma. Agora, Alex sabia. Ela colocou o braço em torno da cintura dele e não sentiu nada além de músculos. A arma dele estava dentro do blazer que ele estava vestindo ou presa em uma das canelas.

Eles desceram pela calçada da direita. Alguns outros corredores noturnos passaram por eles e Carmen pôde ouvir, vindo dos fones de ouvido, uma variedade de estilos musicais. Jazz. Hip-hop. Até ópera.

Quando parecia que não havia ninguém perto deles, ela pegou a mão de Alex, subiu em uma das cercas de ferro baixas e saltou sobre um monte gramado. Abaixo deles, em um local protegido por arbustos, poderiam terminar isso.

— Para onde? — perguntou ele.
— Logo ali. Na curva depois daqueles arbustos.
— Você conhece esse lugar?
— Já o usei antes. — A ironia de que talvez ela morresse aqui não passou despercebida. Ao se aproximarem dos arbustos, ela sentiu o

coração começar a bater mais forte e latejar nos ouvidos. A adrenalina correu por suas veias. Será que estava cometendo um erro? Ele poderia matá-la. Era possível. Ou talvez ele sentisse mesmo alguma coisa por ela e seguisse o plano dela. Carmen não sabia. Ela deu um último aperto na mão dele e soltou-a.

— Não vou matar você, Carmen.

— Não vou deixar que me mate — disse ela. — Mas se eu falhar, pelo menos seja rápido. Eu devolverei o favor. — Ela olhou para Alex, mas, com a lua brilhando atrás dele, tinha dificuldade em ver seu rosto. — Vou pegar o pote de molho dentro da bolsa.

— Eu acho que você não entendeu — disse ele. — Eu falei sério quando disse que confio em você.

Ela queria acreditar nele, mas seus instintos diziam que devia seguir o protocolo. Ela sabia que ele a estava observando e julgando seus movimentos. Sabia que ele estava tão nervoso e era tão perigoso quanto ela. Eles eram a mesma pessoa, com sexos diferentes.

Ela pegou o pote e o entregou a ele.

— Vou deitar ali — disse ela, apontando para o chão. — Jogue um pouco de molho na minha testa, um pouco nos cabelos e derrame o resto em volta de mim na grama. Não espalhe demais. Precisamos que ele faça poças grandes o suficiente para que brilhem com o *flash* ao tirar a foto. Onde está a câmera?

Ele botou a mão no bolso e, instintivamente, ela deixou cair o braço. Carmen usava um casaco curto. Se Alex puxasse a arma, ela poderia chutar o joelho dele, puxar sua própria arma quando ele caísse e acabar com ele rapidamente como prometera.

Mas ele pegou a câmera.

— Você parece preocupada — disse ele.

— Os próximos minutos me dirão tudo o que preciso saber sobre você e para onde iremos a partir daqui, se tomar a decisão certa.

— Deite-se no chão.

Ela inclinou-se para trás sem tirar os olhos dele e deitou-se na posição, de tal forma que a mão ficou nas costas e a poucos centímetros da arma.

Agora, com a lua totalmente atrás dele, era ainda mais difícil vê-lo. Ela só conseguia distinguir uma silhueta enorme de um homem

usando um casaco pesado. Ela conseguia ver o pote de molho na mão direita dele e a câmera na esquerda. E também conseguia ouvir a respiração dele, que estava irregular.

— Pegue o molho, derrame um pouco na ponta dos dedos e jogue no meu rosto.

Ela observou enquanto ele colocava a câmera de volta no bolso e preparava as mãos com o líquido. Ele ajoelhou-se próximo a ela e perguntou se estava pronta. Ela disse que sim, mas não estava. Não podia deixar que o molho caísse nos olhos, pois a deixaria cega. Ela não tinha opção, precisava fechar os olhos um instante, o que a deixou inquieta.

— Pronto — disse ela.

Ela fechou os olhos e sentiu as gotas de molho caindo no rosto. Abriu os olhos e disse a ele que derramasse um pouco no lado esquerdo da testa. Ele derramou.

— Espalhe-o — disse ela. — Coloque um pouco no cabelo.

Ele fez o que ela disse, massageando gentilmente para que parecesse que ela recebera uma bala logo acima da linha do cabelo.

— Agora derrame o resto logo à esquerda da minha cabeça.

Ele abaixou-se para mais perto, beijando-a. Ela retribuiu o beijo, erguendo a mão e segurando o rosto dele. Ele a beijou com mais intensidade. Ela queria confiar nele. Nunca sentira nada parecido por homem nenhum. Carmen sentiu uma onda de ansiedade invadindo-a quando se separaram e ele derramou o resto do molho em torno da cabeça dela. Quando terminou, ele se levantou, colocou a tampa, guardou o pote no bolso do casaco e limpou as mãos na grama.

— Está pronta para a foto? — perguntou ele.

Todas as células de seu corpo gritavam que não, mas quando falou, disse que estava pronta.

Ele colocou a mão no bolso do casaco, presumivelmente para pegar a câmera.

— Faça cara de morta — disse ele.

Ela fez, torcendo a boca e mantendo os olhos abertos em choque e horror olhando um pouco à direita dele. Agora, ela estava no momento mais vulnerável. Ele sabia disso e ela também. O coração dela batia selvagememente contra o peito.

– Eu amo você – disse ele.

Por que está me dizendo isso agora?

E então, rapidamente – rápido demais? – ele tirou o objeto do bolso, mirou na cabeça dela e disparou cinco vezes.

CAPÍTULO 5

A luz da câmera a cegou, mas ela não se moveu. Manteve a cara de morta, apesar do alívio e da confusão que tomavam conta de seu corpo. Ele não atirara nela. Só dissera que a amava. E agora, o que ela faria?

Quando terminou, ele ofereceu a mão a ela, que a pegou e ficou de pé ao lado dele. Ele tirou um lenço do bolso do casaco, limpou o rosto dela e tirou o molho dos cabelos.

– Não é seu melhor perfume – disse ele.

– Está brincando? É praticamente feito para os homens.

Ele a beijou na testa e depois nos lábios. – Eu estava falando sério. Não estava brincando. Eu amo você.

Ela não sabia o que dizer. Carmen nunca estivera em um relacionamento duradouro. Não tinha certeza se alguma vez estivera apaixonada. Nem mesmo se era capaz de amar. – Alex...

– E estou feliz por ter dito isso. Eu quero sair dessa vida. É hora de começar de novo. Com você. E acho que sente a mesma coisa.

– Já me comprometi com vários trabalhos depois desse. Tenho certeza de que você também. Você sabe que, depois que aceitamos o adiantamento, o negócio está fechado. Não há como sair dele. Você sabe as consequências se tentarmos.

– Então faremos os trabalhos – disse ele. – Terminamos o que temos e saímos dessa vida. Juntos.

Era demais. Ela não esperara nada disso. Precisava de um tempo sozinha para pensar e processar tudo isso. Sair de um negócio que rendia dezenas de milhões de dólares a cada ano enquanto estava em plena forma não era algo que fazia facilmente.

Foco.

– Você precisa enviar a foto a eles – disse ela. – Já passou das nove. Conversaremos sobre o resto mais tarde.

A câmera dele tinha rede sem fio e uma função de e-mail simples que podia enviar qualquer foto que ele escolhesse para quem

quisesse. Eles analisaram as fotos e escolheram a melhor.

— Então, é assim que vou parecer se alguém atirar em mim? — perguntou Carmen. — Não é minha melhor aparência.

— Mas é assim que *parecerá* — disse ele. — Você quer isso? Podemos sair disso, Carmen, e viver uma vida normal juntos.

Ela o ignorou, mas estaria mentindo se dissesse que a foto não a afetara. — Precisamos ganhar algum tempo. Pode incluir um texto com a foto?

Ele assentiu.

— Escreva isso — disse ela. — "Ela está morta, mas as coisas não saíram como planejado. Ela atirou no meu braço. Não posso ir para um hospital porque, quando virem por que estou lá, serão obrigados a chamar a polícia. Preciso ir a uma farmácia e depois para um quarto de hotel para tirar a bala eu mesmo. Não poderei pegar o avião, mas ficarei em contato. Envie um e-mail quando o dinheiro estiver na minha conta".

Ele terminou de digitar. — Assim?

— Isso.

Ele apertou o botão para enviar. — E agora?

— Agora vamos atrás de Jean-Georges. Acabamos com ele, o que enviará uma mensagem ao resto do grupo. Se há alguém que é o líder não oficial, é ele. Se conseguirmos matá-lo, diremos a eles o motivo. Sabemos que nos querem mortos. Diremos a eles para desistir ou todos se juntarão a Jean-Georges no inferno.

— Que é exatamente onde ele vai parar.

— O homem é um monstro — disse ela. — Recusei quatro trabalhos dele porque ele queria que eu passasse dos meus limites. Não sou nenhum anjo, mas não mato crianças. *Nunca*. Algumas vezes, ele quis que eu matasse o filho de algum parceiro de negócios, mas recusei. O pior é a forma como ele queria que eu os matasse. Era doentia. O homem é um perverso. Não tenho o menor problema em vê-lo morto.

— Você sabe que, no momento em que os parceiros dele souberem disso, contratarão outra pessoa para nos matar.

— Não se nós os chantagearmos. É disso que eles têm medo. É por isso que estamos nessa situação agora. Estão preocupados porque sabemos demais. Eles acham que nós os venderemos ou que

enviaremos o que sabemos para a imprensa. O problema é tempo. Precisamos matar Jean-Georges hoje à noite. Não podemos esperar. Se esperarmos o momento "certo", estaremos mortos. Então, temos que agir agora. Mandaremos uma foto do corpo dele para o grupo e avisaremos que, se vierem atrás de nós, enviaremos tudo o que sabemos sobre eles para a imprensa e a polícia.

– E então partimos.

– Isso mesmo. Logo antes de pegarmos o avião, enviamos a imagem e a ameaça do aeroporto. Tenho um lugar em Bora Bora que ninguém conhece. Vamos lá e ficamos quietos.

– Por quanto tempo?

– Até precisarmos sair por causa dos nossos compromissos.

– O meu próximo é daqui a cinco semanas.

– O meu é em sete.

– Então, teremos cinco semanas juntos.

– Acha que consegue aguentar?

– O problema não é esse.

– E qual é?

– É se você consegue, Carmen.

CAPÍTULO 6

— Você precisa telefonar para Jean-Georges — disse ela. — Diga a ele que enviou a foto por e-mail e que levou um tiro. Você tem rastreamento no seu telefone. Use o GPS para descobrir onde ele está. Seja rápido. Diga a ele que está sangrando e não pode falar.

Ele pegou o telefone do bolso interno do casaco e Carmen viu a coroa da arma. Ela imaginara que estava lá. Para garantir que ficasse quieta, ele levantou a mão enquanto discava.

Jean-Georges, cujo nome completo era Jean-Georges Laurent, era parte de uma poderosa organização comercial que tinha corporações e inimigos em todo o mundo. Eles tinham governos e líderes corporativos na palma da mão. Por anos, Alex e Carmen tomaram conta dos inimigos, mas, obviamente, não era mais o caso.

O homem atendeu no terceiro toque. Alex disse a ele o que Carmen o instruíra enquanto o GPS procurava identificar sua localização. — Você me ouviu? — perguntou Alex. — Ela atirou em mim. Não tenho condições de voar. Pegarei o voo amanhã ou depois de amanhã. Agora preciso ir a uma farmácia e procurar algo para remover a bala e estancar o sangramento. Amanhã de manhã, verifico se o dinheiro está na minha conta. Falo com você depois.

Ele desligou o telefone e olhou para Carmen. — Ele não está em casa — disse ele. — Havia uma orquestra, parecia uma multidão, pessoas conversando e rindo.

— Deixe-me ver o GPS.

Alex apontou para o ponto que piscava. — Ele está na rua 52 East, número 99.

— Faça uma pesquisa.

Ele pressionou um botão. — Four Seasons.

— Se há uma orquestra, então é um evento exclusivo. — Ela olhou para o relógio. — Ainda é cedo. Dependendo do evento, ele poderá ficar lá por algumas horas. Tenho um contato que pode nos colocar para dentro, desde que não esteja lá.

– Que contato?
– Mamie van Marais.
– Você não matou o marido dela?
– Há dois anos. Agora Mamie está nadando no dinheiro dele. Ela me deve uma e sabe disso. Se há alguém que pode nos colocar para dentro, é ela.

Ela pegou o telefone, encontrou o número de van Marais e discou. Alguém atendeu e Carmen disse: – Preciso falar com a Sra. van Marais.

– Quem é?
– Diga a ela que é Carmen.

Carmen esperou menos de um minuto antes que Mamie van Marais atendesse o telefone. – Eu pedi a você para nunca telefonar para cá.

– Você não teria um "cá" se não fosse por mim, Mamie. É importante. Preciso cobrar um favor.

– Carmen, não sei como eu poderia lhe fazer algum favor. Ambas sabemos como você é cheia de recursos.

– E você é um dos meus recursos. Alguma coisa está acontecendo no Four Seasons. Preciso entrar lá.

– Eu sei o que está acontecendo. Aquela Tootie Staunton-Miller medonha está dando uma festa lá com o marido *gay*, Addy. Eles acabaram de concluir a restauração da casa na Quinta e, apesar não suportar aquela mulher, tenho que dar a mão à palmatória. Ela fez tudo certo. Aquela casa voltou a ser o que era: a grande dama da Quinta Avenida. Cinquenta aposentos! Tootie e Addy ficaram na Suíte Real do Waldorf Towers por *anos* enquanto esperavam a conclusão da restauração. A casa tem uma das únicas piscinas internas particulares de Nova Iorque. Tootie gosta de dizer isso para quem quiser ouvir. Até dizem que ela menciona isso com frequência demais.

– Então, por que estão no Four Seasons? Não deveriam estar comemorando na nova casa?

– Nunca – disse Mamie. – Somente algumas pessoas selecionadas serão convidadas para a casa. Ouvi dizer que Tootie tem enormes fotografias instaladas no salão no Four Seasons para dar às pessoas uma ideia de como ficou a restauração. Mas somente os melhores

dos melhores verão a casa pessoalmente. É posicionamento, querida. A popularidade dela subirá às nuvens com aquela casa. Só os mais ricos poderão dizer que foram convidados. Até posso ouvi-los. "Sinto muito, mas Tootie Stauton-Miller nos convidou para o jantar na nova casa dela na Quinta Avenida, então teremos que recusar." É grotesco. Ela tem a melhor casa na Quinta, está indo bem com a caridade, mas nunca será adorável como Addy. Todos amamos Addy e não nos importamos com as complicações sexuais dele. Mas Tootie? Ela pode ir para o inferno.

— Preciso que me coloque para dentro.

— Isso é impossível.

— Matar o seu marido não foi, Mamie.

Ela abaixou a voz. — Não fale sobre isso. *Nunca*. A morte de Bonzy foi horrível. Quem diria que ele tinha inimigos?

— Só preciso que me coloque para dentro, e mais um convidado. É só o que peço.

— Ela sabe que eu a odeio. Você está pedindo muito.

— É porque eu lhe dei muito. Você tem o número do meu telefone. Espero que ligue de volta em cinco minutos.

— E que nomes devo dar a eles?

Carmen inventou dois nomes e um lugar. — Sr. e Sra. Mark Edwards de East Hampton.

Mamie levou quatro minutos para conseguir convites para eles, que estariam esperando na área da recepção.

— Obrigada, Mamie.

— E apostado como aparecerá na primeira página do Times amanhã. Fim da linha no Four Seasons? Morte por afogamento no Salão da Piscina?

— Adeus, Mamie.

Carmen olhou para Alex. — Trouxe o terno?

— Nunca viajo sem ele.

— E eu tenho um vestido. Vamos voltar ao hotel. No mínimo, preciso tirar esse molho de carne. Duvido que Tootie Staunton-Não-sei-quem o aprove.

CAPÍTULO 7

No hotel modesto, mas limpo, na Terceira Avenida, eles se apressavam para se arrumar.

Eles tinham quartos adjacentes e cada um foi para o seu. — Vinte minutos — disse ela. — Precisamos nos apressar.

Carmen separou o vestido de festa e os sapatos pretos, e adicionou um cordão de pérolas. Quando entrou no chuveiro, ouviu o rangido da porta se abrindo e soube. Pelo vidro do chuveiro, ela viu a porta do banheiro abrir-se completamente. Alex, totalmente nu, entrou e bateu de leve no vidro. — Tem lugar para dois?

Ela queria dizer que não tinha, que eles não tinham tempo para isso porque era importante demais para estragar. Mas não disse. Ela abriu a porta e observou uma nuvem de vapor rolar para fora e cobrir os pés dele. Viu-o parado lá e não tinha certeza de que já vira algo tão magnífico na vida. Ele era lindo.

O que estou fazendo?

Ele parou atrás dela e pegou uma esponja e um pote de sabonete líquido na prateleira do outro lado. Ela podia senti-lo tendo uma ereção, que ele não fez o menor esforço para esconder. De fato, ele encostou-se nela e começou a esfregar suas costas com a esponja enquanto o pênis deslizava por entre as pernas dela, enterrando-se lá. A esponja desceu até as nádegas dela e depois para as pernas, subindo novamente até que a mão dele estivesse entre as pernas, onde parou, mal se movendo.

Para surpresa dela, ela gozou. Recuperou o fôlego e, depois de um momento, virou-se para ele, que estava derramando xampu nas mãos. — Cuidado com os olhos — disse ele.

Enquanto lavava o cabelo dela, ele ergueu-o, beijando o pescoço e os seios dela. Ele não se barbeara hoje e a aspereza do rosto era quase demais contra sua pele. Ela estava pegando fogo e o queria dentro dela. Mas, quando ele terminou de lavar o cabelo dela, tirou o xampu, beijou-a novamente e deu um passo para o lado.

– Eu sei que não temos muito tempo. Dê-me três minutos e termino meu banho.

– Você está brincando? – perguntou ela.

– É verdade – disse ele. – Eu posso tomar banho em apenas três minutos.

– Não foi o que eu quis dizer.

Ele piscou para ela. – Sempre há mais tarde. Você precisa arrumar o cabelo, fazer a maquiagem e se vestir para que possamos sair. – Ele abriu a porta de vidro para ela. – Não se preocupe – disse ele. – Tenho muitos planos para mais tarde.

* * *

Quando saíram do hotel, chamaram um táxi na Terceira e deram o endereço ao motorista.

Eles precisavam de um elemento de surpresa, portanto, Carmen prendeu o cabelo para cima e manteve o rosto escondido por trás de óculos escuros grandes e redondos, que sugeriam que ela era uma celebridade ou uma atriz famosa. Jean-Georges nunca a vira em um vestido e não esperaria que estivesse em um evento como esse, especialmente depois de, provavelmente, já ter visto a foto dela caída morta no Central Park. Ela conferiu a Glock G19 e a escondeu na bolsa cravejada de pedras.

Alex entendeu a dica dela com a aparência de celebridade e estava ainda mais irreconhecível.

Ele fizera a barba e penteara os cabelos crespos para trás, que brilhavam por causa do gel. A aparência enfatizava o ângulo do maxilar. Os óculos escuros de aviador auxiliavam no efeito geral. O terno era padrão, preto e branco, mas o corte era impecável. Modelo ou celebridade? As pessoas se perguntariam. A arma estava dentro do bolso do casaco e ele tinha uma faca presa à canela esquerda.

O táxi percorreu a cidade, cortando e ultrapassando os carros mais lento, pois Carmen pedira ao motorista que se apressasse.

– Qual é o plano? – perguntou Alex em francês. Eles eram fluentes no idioma e, dado o nome do motorista italiano, Salvatore

Romano, era improvável que ele os entendesse. Ainda assim, falaram baixo, o mais próximo possível de um sussurro, dado o som do tráfego.

Ela disse a ele.

– Tem certeza de que vai funcionar?

– Estou aberta a ideias melhores.

Ele compartilhou uma de suas ideias. Ela lançou-lhe um olhar longo e ficou quieta por um momento enquanto a analisava. – E se juntarmos as duas?

– Como?

Ela disse a ele.

– Pode funcionar.

– Tem que funcionar. Trouxe a câmera?

Ele deu um tapinha no bolso da calça.

Ela olhou para a rua à frente. Eles estavam se aproximando do restaurante.

– Está nervosa?

– Estou preocupada que ele nos reconheça. Quando estivermos lá dentro, vamos ficar perto dos cantos e esperar nossa chance de pegá-lo sozinho, se é que isso é possível. Se não, pensaremos em alguma outra coisa.

– Jean-Georges não aparece em qualquer festinha. Com ele aqui, pode ter certeza de que o governador também estará aqui. Provavelmente o prefeito e outras pessoas importantes. Precisamos ter cuidado porque, se for esse o caso, a segurança foi verificada e aprovada por cada um deles, e será rigorosa.

O motorista reduziu a velocidade ao lado da entrada do restaurante. Alex pagou ao homem. Ao saírem do carro, ele conferiu a gorjeta, fez uma pausa e olhou para eles por sobre o ombro. Estava muito escuro para ver o rosto dele, mas a rispidez na voz dele era clara.

– *Au revoir, monsieur et madame* – disse ele. – *Bonne chance avec votre meurtre.*

Um calafrio percorreu Carmen. Ele acabara de desejar boa sorte no assassinato.

Antes que ela pudesse agir, Alex já estava no banco de trás do carro. Ele fechou a porta, pegou a arma, pressionou-a contra a nuca

do homem e disse a ele que dirigisse à frente, enquanto Carmen, atordoada, ficou parada na calçada.

CAPÍTULO 8

Quando Alex fechou a porta, o motorista começou a gritar por ajuda, mas Alex foi rápido. Ele bateu a arma no lado da cabeça do homem e disse a ele para calar a boca. Ele não calou, e Alex bateu novamente, dessa vez com mais força, até que começou a sair sangue do ouvido direito dele.

— Dirija — disse Alex. — Vá até o meio-fio no fim da rua. Há uma área onde não é permitido estacionar. Pare próximo a ela.

— Não me mate.

— Não pretendo.

O homem estava tremendo. Ele estacionou o carro e colocou as mãos trêmulas para cima. Pelo espelho retrovisor, ele olhava para Alex com olhos aterrorizados, enquanto o trânsito passava na rua 52.

— Abaixе as mãos.

— Por favor, não me mate — disse ele. — Eu tenho mulher e um filho. Não me mate.

— Abaixе as malditas mãos.

Ele o fez, mas não parecia saber o que fazer com elas, pois estava muito abalado. Colocou-as no colo, depois sobre o painel do carro e, finalmente, sobre o volante, onde Alex as podia ver.

— O que você ouviu lá?

— Nada.

— Diga-me a verdade e o deixarei vivo. Você ouviu alguma coisa?

— Não! Não ouvi nada! Eu juro!

— Por que está mentindo?

— Não estou mentindo!

Alex perguntou novamente em francês, em um esforço de fazer com que provasse que entendia o idioma.

— Já falei que não estou mentindo!

— Certo.

Alex encostou a arma no encosto do banco do motorista e atirou duas vezes. O banco era grosso o suficiente para abafar o som, mas Alex ouviu a camisa do homem rasgando-se quando as balas o atravessaram e alojaram-se no painel. O homem caiu para a frente, morto. Alex inclinou-se para a frente, puxou o corpo para trás, desligou os faróis do táxi e depois desligou o motor.

Ele olhou para as calçadas, que estavam vazias, e deu um tapinha no ombro do motorista. — *Au revoir* — disse ele. — *Et bonne chance pour votre voyage.*

* * *

Ele guardou a arma, saiu do carro, alisou a parte da frente do casaco e começou a caminhar em direção ao restaurante, onde podia ver Carmen esperando-o do lado de fora da entrada. Estava frio e ela estava com os braços em volta do corpo. Ele estendeu a mão para ela ao se aproximar. — Lamento por tê-la deixado esperando — disse ele.

- Problemas com o motorista?
- Pode-se dizer que sim.
- Ele ainda está chateado?
- Depende de onde foi parar.

Havia meia dúzia de pessoas fumando do lado de fora do restaurante, mas nenhuma delas prestando atenção a eles. Outras pessoas com roupas de noite passaram pelo porteiro e pela porta que ele segurou aberta para elas.

Carmen e Alex juntaram-se a elas e subiram os degraus até a área da recepção. Uma loira em uma roupa preta sorriu quando se aproximaram. Eles estavam no Salão da Grelha, que tinha um brilho vermelho e estava lotado. A maioria das pessoas conversava em grupos pequenos, tomando champanhe em copos altos oferecidos em bandejas de prata pelos garçons, enquanto outras estavam no bar, à direita deles.

- Sr. e Sra. Mark Edwards — disse Alex.

A mulher olhou para o monitor do computador e percorreu a lista

de nomes. — Vocês têm convites? — perguntou ela.

— Acabamos de chegar de Los Angeles. Mamie van Marais sugeriu que passássemos aqui, pois alguns amigos estariam no restaurante. Acredito que ela telefonou não faz muito tempo. Ela praticamente exigiu que viéssemos.

A mulher assentiu e, pela maneira como ficava olhando para o rosto de Alex, estava claro para Carmen que ela estava se perguntando se ele era uma celebridade usando um nome falso. — É bem o estilo de Mamie. E fui eu que atendi o telefonema dela. Fiquem à vontade.

De um ponto mais adiante na rua, onde Alex atirara no motorista de táxi, veio o som abafado de uma mulher gritando. Todos viraram-se para olhar, mas não conseguiram ver nada, pois estavam no segundo andar e as janelas ficavam do outro lado do salão. A mulher gritou novamente, mais alto dessa vez, e começou a gritar pedindo ajuda.

Carmen a ignorou. Eles precisavam entrar. — Sabe onde podemos encontrar Tootie e Addy?

A mulher olhou para o longo corredor à sua direita, que levava ao Salão da Piscina. Ele estava cheio de membros da sociedade, todos parecendo flutuar. — Receio que essa seja a pergunta do dia. Mas vocês os encontrarão lá dentro, com certeza. Sei que não estão aqui. — Quando ela voltou-se novamente para eles, seu rosto mostrou um olhar surpreso quando três membros da segurança passaram correndo e desceram os degraus até a rua.

Carmen e Alex olharam para eles. Dois homens, uma mulher. Os homens usavam terno em um esforço de se misturarem à multidão. A mulher usava um vestido preto simples. Mas os sapatos sem salto a denunciavam. Nessa noite, nenhum convidado legítimo usaria sapatos assim.

Alex colocou o braço sobre os ombros de Carmen. — Obviamente, há alguma coisa errada. Vamos entrar.

Eles passaram pela mulher e entraram no corredor, cheio de pessoas que prestavam pouca atenção ao drama que se desenrolava no lado de fora. Por que arruinar a ilusão enfrentando algo real?

Instintivamente, Carmen e Alex foram para a direita, afastando-se das enormes portas de vidro e latão que levavam à frente do

prédio. Entraram no Salão da Piscina para procurar Jean-Georges. Alguns outros convidados usavam óculos escuros, provavelmente celebridades, o que não era inesperado. Além disso, permitia que eles se misturassem à multidão.

— Por onde quer começar? — perguntou Alex.

Antes que ela pudesse responder, foi anunciado que as pessoas deveriam ir para o Salão da Piscina.

Tão discretamente quanto possível, eles foram para a esquerda, deixando as pessoas passarem do Salão da Grelha e do bar para o Salão da Piscina, que era espetacular.

Como era outono, o salão estava decorado com quatro árvores altas iluminadas em vários tons de laranja. O efeito era impressionante, decadente e belo, particularmente por causa da piscina quadrada amarela no centro do piso.

Do outro lado da piscina, em frente às janelas, que iam do chão ao teto e tinham vista para a rua 53, estava um casal, que Carmen imaginou ser Addy e Tootie Stauton-Miller.

Ao lado deles, estava uma jovem com cabelos pretos longos e cacheados. Ela chamava bastante atenção, e com razão. Usava um vestido de noite rebuscado, inspirado nos anos trinta, de bordado prateado, até a altura dos joelhos. Cordões de diamante estavam frouxamente em torno do pescoço, uma pulseira grossa de diamantes no pulso e, nas orelhas, dois dos maiores diamantes que Carmen já vira. Parada lá, com os diamantes, o vestido prateado e as ondas de luzes alaranjadas do salão conspirando a seu favor, ela parecia vinda de outro mundo, um ponto de exclamação deslumbrante brilhando em frente às cortinas.

Carmen sabia quem ela era.

Reconheceu-a das aparições na imprensa, mas também do tempo com Vincent Spocatti, o assassino com quem trabalhara há um ano e que não conseguira matar a mulher e os outros membros da família dela dois anos antes. Era Leana Redman, a filha afastada do bilionário George Redman. Em um caso amplamente noticiado, Louis Ryan, o homem de negócios já falecido, atirara em Leana e George Redman, depois de grandes esforços para arruinar a família Redman por causa de uma vingança pessoal.

Carmen estudou Leana. Por causa da altura, da aparência e da

fama, ela poderia ter sido considerada uma modelo, se não tivesse um olhar tão inteligente e malicioso.

Ela estava parada ao lado de um homem de quase quarenta anos. Ele era alto e tinha um corpo parecido com o de Alex. Ele era italiano ou siciliano, Carmen não sabia dizer, mas, apesar de ser tão bonito, decidiu que não se importava.

Ela observou Leana dar um passo à frente para que a imprensa pudesse fotografá-la. Os repórteres chamaram o nome dela e ativamente a destacaram. Mas por quê? O que ela tinha feito? Carmen olhou em torno procurando Jean-Georges. Ele não parecia estar no meio da multidão, que ainda estava entrando no Salão, deixando-o tão lotado que estava ficando difícil de caminhar.

Houve uma explosão súbita de aplausos. Carmen olhou para Leana e ficou surpresa. Ela estava avançando para abraçar Jean-Georges Laurent.

A atenção de Alex estava voltada para as pessoas que chegavam ao salão. Ela pegou a mão dele e acenou em direção às janelas do outro lado da piscina. — Olhe.

— Já estava na hora. Com quem ele está?

— Leana Redman.

— Por que eu conheço esse nome?

— Ela é famosa nessa cidade.

— O que torna alguém famoso em Nova Iorque?

— Ter um pai bilionário ajuda. No caso dela, o que a deixou famosa foi o fato de ter sido a vítima de uma trama de assassinato que acabou com a morte da irmã dela e de outro bilionário.

— Tantos bilionários — disse ele. — Talvez as pessoas que ocupam Wall Street deveriam ocupar o Four Seasons. E por que estão tirando fotos?

— Não faço ideia. Conseguiu avaliar a segurança?

— Espalhada na multidão. Sem drinques, nenhum sorriso, movimentando-se demais. Atentos. Alguns não são tão óbvios. Eles são bons. Mas a maioria não será um problema.

— Fique de olho neles.

Ele colocou o braço sobre os ombros dela. — Parece que alguém está se preparando para discursar.

Addison Miller, o marido gay de Tootie Stauton-Miller, recebeu

um microfone e bateu nele ao caminhar para se posicionar à direita de Jean-Georges e Leana.

Tootie, que usava seus muitos diamantes como se fossem uma armadura que a protegia contra os pobres, tinha na boca a aparência que os muito ricos têm quando sabem que seus semelhantes os estão observando: os lábios mal estavam levantados. O rosto dela, seja por causa da cirurgia plástica ou por pura força de vontade, não tinha expressão alguma.

Alex abaixou a cabeça para perto do ouvido de Carmen. — Sabe de uma coisa? — perguntou ele. — Talvez seja melhor reconsiderar.

— Reconsiderar o quê?

— Nosso plano. Eu não esperava que a multidão estivesse tão densa. É quase impossível andar e, por causa disso, as três saídas estão praticamente bloqueadas.

Discretamente, ele acenou em direção a elas. — Uma é subindo aquela escada à direita. A segunda é por aquela porta, que parece levar à cozinha. A terceira é por onde entramos, descendo o corredor. Ali, dá para escapar pelas portas que levam à parte da frente do prédio ou correr pela escada por onde entramos. Para eles, o problema é que escapar não será tão fácil. Olhe aqui dentro, está perto do caos. Se criarmos algum tipo de pânico, posso atirar em Jean-Georges daqui, a multidão em torno de nós se abrirá e, antes que saibam o que fazer, podemos pegar o corredor, pegar o primeiro conjunto de portas à direita, sair do prédio e estar na rua antes que façam algum movimento.

Era arriscado, mas ela sabia que ele era um atirador excelente e raramente errava. Ela estava intrigada. — E a foto dele?

— Não acha que a imprensa vai cuidar disso? Eles farão esse trabalho por nós. Se quiser, também posso matar a garota Redman e você pode mandar a cobertura da morte dela para o seu amigo. Uma espécie de presente.

— Você quer dizer Spocatti?

Ele assentiu.

E nos momentos antes que Addison Miller falasse, Carmen decidiu que não se importava com a ideia. Na verdade, até gostava dela. Ela não tivera notícias de Spocatti desde que estiveram em Manhattan juntos.

Seria bom mandar um presente para ele. Seria bom manter contato, pois ela sabia que conseguiria descobrir mais com ele.

– Gosto da ideia – disse ela. – Mas precisamos nos posicionar em um lugar melhor. Que facilite nossa saída. Eles não vão ficar parados lá por muito mais tempo. Precisamos encontrar o lugar, talvez bem ao lado da saída para o corredor, e monitorar a segurança antes de agir. Hoje à noite, vamos matar também Leana Redman. Aprendi muito com Vincent. Ele pode ser um filho da puta quando quer, mas ainda assim me ensinou muito. No fim, acho que nos tornamos amigos.

Ela olhou para Leana no outro lado da multidão, que agora esperava que Addison Miller discursasse para os convidados. E então, ela pegou o telefone e pressionou um botão. – Vamos fazer isso por ele.

LIVRO DOIS

CAPÍTULO 9

Duas horas antes

Leana Redman saiu do prédio na 47 com a Park Avenue e estava prestes a entrar na limusine que a aguardava na esquina quando se virou para admirá-lo antes de sair.

Ele estava um pouco maltratado, como ela estivera há um ano e, provavelmente, ainda estava emocionalmente maltratada. Mas havia algo sólido e imutável nele que fazia com que se sentisse conectada a ele. Sua fachada de tijolos e terracota parecia um pouco negligenciada, mas ele estava lá, sobrevivera a guerras e estava pronto para uma nova oportunidade de brilhar junto a todos os outros prédios que o circundavam.

Os paralelos que compartilhavam não lhe passaram despercebidos. De fato, eles eram parte do motivo pelo qual ela decidira comprar o prédio.

Ela ainda não conseguia acreditar que era seu. O que antes fora um dos belos hotéis *art déco* da cidade, agora estava em suas mãos, graças à metade da fortuna que Harold Baines, seu grande amigo que se suicidara, deixara para ela.

À primeira vista, o hotel parecia uma ruína, mas Leana e seus investidores viram algo sob a sujeira, os tetos mofados e as paredes rachadas, e comprometeram-se a devolvê-lo à sua antiga glória. Um esforço de restauração completa iniciaria na semana seguinte. Levaria um ano antes que o hotel fosse reaberto, mas, quando isso acontecesse, ela estava convencida de que estaria à altura de qualquer outro hotel na cidade.

Especialmente qualquer um de propriedade de seu pai, George

Redman, que tinha um prédio comercial do outro lado da esplanada, na 48.

Ela olhou para o prédio comercial. Era só mais um dos muitos arranha-céus que ele tinha na cidade. Diferentemente de alguns dos seus prédios mais proeminentes, alguns dos quais ela admitia que eram belos, esse não era notável nem memorável. Era puro vidro e aço, uma relíquia dos anos setenta que não tinha beleza nem imaginação. Era um caixote, quase tão frio quanto um refrigerador. O que, para ela, era adequado, considerando quem era o dono.

A grande vantagem que ele tinha era a localização, que era um dos principais motivos pelos quais as empresas lutavam para conseguir espaço nas raras ocasiões em que eles ficavam disponíveis. Era outro dos muitos sucessos dele, um ponto vermelho que podia botar no mapa dentre todos os outros pontos vermelhos que marcavam a vasta quantidade de propriedades que ele tinha na cidade.

Ela olhou para o relógio e entrou relutantemente no carro. Precisava ir para casa e se preparar para a festa no Four Seasons, da qual preferia escapar, mas não podia.

Fazia somente um mês que ela e Mario voltaram depois de um ano na Europa e mudaram-se para o novo apartamento na Park. Apesar de terem ajuda, o apartamento ainda precisava de várias coisas antes de estar pronto. Precisavam pintá-lo, comprar móveis e aparelhar a cozinha.

Não que isso importasse agora. Nessa noite, a única coisa que importava era a festa, da qual tinha que participar por dois motivos.

Primeiro, ela estava sendo homenageada por ter doado cinquenta milhões de dólares para programas de prevenção do suicídio em todo o país. Era sua maneira de homenagear a vida de Harold, que terminara de uma forma que ela não conseguia imaginar nem absorver. Segundo, agora ela era uma mulher de negócios e havia uma coisa que aprendera no decorrer dos anos quando a Redman International estava no auge: nunca era cedo demais para iniciar um rumor.

Os convidados da festa seriam o tipo de pessoa de que ela precisaria para espalhar a notícia quando o novo hotel abrisse. Eles lhe forneceria sua clientela, pois moravam na Park e na Quinta.

Quando amigos viessem visitá-los, Leana queria que recomendassem exclusivamente o seu hotel.

O carro estacionou em frente ao prédio onde ficava seu apartamento, na rua 59. Ela agradeceu ao motorista, saiu do carro, acenou com a cabeça para o porteiro quando ele segurou a porta aberta para que passasse e atravessou o saguão apressada até os elevadores.

Ela e o noivo, Mario De Cicco, tinham uma das coberturas. Quando ela chegou, colocou as chaves em uma mesinha no vestíbulo e o encontrou na cozinha. Ele estava encostado na ilha, uma toalha amarrada em torno da cintura, uma maçã na mão, os cabelos pretos ondulados ainda molhados do banho.

Ela soltou a bolsa e sorriu para ele. Com o peito ligeiramente peludo, a barriga reta e as coxas e os braços musculosos, ele era a personificação de tudo o que a deixava excitada e fraca. Ela percorreu o corpo dele com os olhos e notou que todas as partes que deveriam ficar salientes estavam se manifestando.

— Por que faz isso comigo? — perguntou ela.

Ele mordeu a maçã. — Não sei do que está falando.

— Você não pode andar pela casa desse jeito.

— Por que não?

— Você sabe o porquê.

— Passei um ano andando exatamente assim na Europa.

— A Europa é a Europa. A nudez parcial é comum. Aqui devia ser crime.

— Explique por que é um crime.

— Porque eu fico fora de mim quando você está assim. Fico... distraída.

Com um movimento rápido do pulso dele, a toalha foi parar no chão.

— Não acredito que tenha feito isso.

— Dê uma olhada, passe a acreditar.

Ela não pôde evitar o riso. — Vamos. Temos menos de duas horas para chegar lá. Preciso que se comporte.

— E você precisa relaxar. Parece tensa. A imprensa estará lá e você não pode parecer tensa quando a fotografarem, pode? Deve estar brilhando. E posso ajudar.

– Ando meio tensa ultimamente...

Ele aproximou-se por trás, levantou o cabelo dela e beijou sua nuca. Ela fechou os olhos. Ninguém a excitava mais do que Mario. Ele tinha um jeito com ela que apagava completamente todos os outros homens com quem estivera. A conexão que tinha com ele era tão intensa que quase chegava a ser palpável. Ela mal podia esperar até que estivesse casada com ele.

Ele começou a massagear-lhe os ombros e a sensação foi tão boa quanto ela achou que seria. Ele passou as mãos em seu corpo, parando ao chegar aos seios. Ela podia senti-lo contra ela.

E foi o bastante.

Ela virou-se para ele e colocou os braços em torno do pescoço dele.

– Ok, seu grandalhão. Você ganhou. Leve-me às alturas.

Ele a jogou por sobre o ombro.

– O que é isso? Agora sou uma mulher das cavernas?

– Agora você está sendo sensata.

– Repita isso daqui a cinco minutos.

* * *

Mais tarde, enquanto tomavam banho no chuveiro duplo da suíte, Mario decidiu que, em algum momento, teria que dar a notícia a ela. O melhor momento era antes de chegarem ao evento.

– Seu pai telefonou enquanto você estava fora – disse ele.

Ela tinha sabão nos olhos e não podia vê-lo. – Meu pai o quê?

– Telefonou.

– Como ele tem o nosso número? Não está na lista.

– Ele é George Redman.

– Ah, certo. Desculpe. Esqueci. – Ela ficou sob um dos chuveiros e lavou o cabelo. Os problemas que tinha com o pai e a forma fria com que ele a tratara durante a adolescência ainda a magoavam. – O que ele queria? Não tenho notícias dele há um ano.

– Ele sabe sobre o hotel.

Ela deu de ombros. – Imaginei que ele ficaria sabendo em algum

momento, especialmente com o prédio dele do outro lado da rua. O que ele disse?

— Você não vai gostar.

— É meu pai. Você sabe, aquele que ganhou o prêmio de Pai do Ano por vinte e sete anos seguidos por causa de suas excelentes habilidades como pai. Não gosto de nada que tenha a ver com ele. — Ela fez uma pausa. — Desde que não tenha a ver com a minha mãe. Não estamos nos melhores termos, mas não quero que nada aconteça com ela.

— Não tem nada a ver com sua mãe, mas ele mencionou que ela não tem notícias suas.

— Estivemos ocupados — disse ela. — O que eu devia dizer a ela? "Olá, mamãe. Espero que esteja tudo bem na prisão. Seja forte. Estamos contando com bom comportamento." É demais.

— Você deveria telefonar para ela.

— Na verdade, pretendo ir lá para vê-la.

— Certo — disse Mario. — De qualquer forma, seu pai estará no evento hoje à noite. Pediram a ele que entregasse o prêmio a você. — Ele ergueu a mão antes que ela pudesse começar a reclamar. — Os Miller não sabem de nada sobre o problema que tem com o seu pai. Provavelmente, acharam que era um gesto gentil, especialmente Addy. Ele gosta de você. Sempre gostou.

— Tenho esse efeito sobre homens *gays*.

— Addison Miller é *gay*?

— É claro que é.

— Como sabe disso?

— Você ouve coisas. Vê coisas. Sente coisas. Mas não importa. O Addy é o Addy e eu o adoro. Só fico triste por ver que ele acha que não pode ser quem realmente é. Ele é um homem bom que merece algo melhor do que viver o resto de seus anos com aquela bruxa da Tootie.

— Eu não a conheço.

— Nem queira. E você provavelmente está certo sobre a sugestão dele de que meu pai me entregue o prêmio. Addy não sabe sobre o meu relacionamento com ele. — Ela torceu os cabelos para tirar o excesso de água e pegou uma toalha. — Mas está prestes a descobrir.

Ela passou por Mario e saiu do chuveiro.
— O que você vai fazer? — perguntou ele.
— Vou falar com Addy. Se há alguém que possa entender, é ele.
Ele pode escolher qualquer pessoa para me entregar aquele prêmio, menos meu pai. Não vou receber nada dele. Além disso, ele provavelmente telefonou porque sabia que eu reagiria dessa forma. Ele provavelmente queria que eu o dispensasse. — Ela foi para o quarto e pegou o telefone. — Nesse caso, ficarei mais do que feliz em ajudá-lo.

* * *

Enquanto se vestiam, Leana parou em frente ao espelho e avaliou-se. Ela escolhera uma aparência meio *retrô* dos anos trinta e, ao se virar e brilhar na luz, achou que conseguira, mesmo que alguns dissessem que o vestido era curto demais e enfeitado demais para um evento daquele tipo.

Não que isso fosse uma surpresa. Durante toda sua vida, sempre houvera alguém que encontrava algum motivo para desmerecê-la. Ela não se importava, pois gostou da aparência.

Ela estava ajustando os dois colares de diamantes que se aninhavam entre os seios quando Mario entrou.

— Você está bonito — disse ela.
— E você está deslumbrante.
— Espero que não ache que estou sendo dura demais com meu pai.
— Se há alguém em sua vida que entende o que é um relacionamento difícil entre pai e filho, sou eu.
— Somos um belo par — disse ela.
— Na verdade, somos mesmo.
— Por falar nisso — disse ela. — Quando pretende telefonar para seu pai?

Os olhos dele brilharam. — Pretendo ir até lá para vê-lo em breve.

Ela riu. — Você é um babaca.

– O que Addy disse?

– Só que ele não sabia sobre o meu relacionamento com papai, mas que entendia. Perguntou se eu conhecia Jean-Georges Laurent. Eu o conheço, mas, cá entre nós, ele me dá arrepios. Harold, que raramente tinha algo ruim a dizer sobre qualquer pessoa, o odiava por algum motivo. Só posso imaginar qual seja. Laurent é um tremendo traíçoeiro e talvez tivesse algo sobre Harold.

Ela deu de ombros. – Mas eu sei como esses eventos funcionam. Ele é importante, as pessoas o conhecem e isso é o que importa, especialmente em se tratando daquela multidão e da imprensa. Eu disse a ele que seria um prazer receber o prêmio de Jean-Georges e Addy disse que telefonaria para meu pai para avisá-lo.

Mario arrumou a gravata. – Acha que ele vai aparecer mesmo assim?

– Não faço ideia. Mas ele não vai chegar perto de mim se aparecer. – Ela viu o olhar preocupado no rosto dele e disse: – Não se preocupe. Se ele chegar, vou me afastar de forma educada.

– Sabe de uma coisa? As pessoas não veem você há algum tempo. Não falaram com você desde aquela noite. E provavelmente farão perguntas. Está pronta para isso?

– Eu sei o que farão e também sei o que direi.

– E o que é?

– Que agradeço a preocupação, mas não estou pronta para discutir o assunto. Deve ser o suficiente para acabar com a conversa.

– Não se um membro da imprensa perguntar.

Ela não pensara nisso.

– Quer uma dica?

Ela assentiu.

– Um simples "sem comentários", repetido de forma firme, se necessário, sempre funciona.

CAPÍTULO 10

Quando chegaram à festa, estavam quinze minutos atrasados — o que foi perfeito. Dezenas de pessoas já estavam lá. Se conseguisse fazer tudo certo, Leana conseguiria entrar com o mínimo possível de agitação, que era o que queria.

Ela ficara fora do circuito por um ano e, apesar de dizer a si mesma que não se importava com a forma como as pessoas a receberiam, parte dela se importava. Ela sabia que se daria bem com os donos de fortunas novas, pois os entendia tão bem quanto eles a entendiam. Mas a velha guarda era a velha guarda. Apesar de alguns terem trabalhado com o pai dela e com Celina no passado, os Redman nunca tinham sido totalmente aceitos nos níveis mais altos da sociedade.

E nunca seriam.

Pessoas como Addison Miller, que liderava um dos maiores bancos do mundo e cuja linhagem estava ligada diretamente a um dos fundadores do país, os recebera, mas provavelmente porque, em algum nível, talvez devido à sua sexualidade oculta, ele era mais aberto a aceitar as pessoas, mesmo que, ironicamente, não conseguisse aceitar a si mesmo.

No entanto, sua mulher, Tootie Stauton-Miller, era uma vadia gélida insuportável que permanecia o máximo possível em seu próprio círculo.

Eventos como esse reuniam todos, claro, mas Tootie só os realizava se tivesse certeza de que a beneficiariam. Exibir Leana e dar a ela um prêmio por apoiar a prevenção ao suicídio permitia que Tootie fosse vista em uma posição de poder. Fora ela, afinal de contas, que apoiara a organização de caridade que estava oferecendo o prêmio. Leana só estava lá para aceitá-lo. Havia uma diferença clara na estrutura de poder. Tootie *dirigia* eventos de caridade. Leana somente assinava o cheque e o entregava a eles.

As enormes fotografias que mostravam sua recém-renovada

mansão na Quinta também era puro exibicionismo. Apesar de as fotografias, presumivelmente, destinarem-se a emular algo parecido com uma instalação de arte, uma forma de mostrar às pessoas como os Miller cuidaram seriamente de cada detalhe em sua casa, o propósito não tão sutil eram os direitos de gabar-se que acompanhavam tal casa. Quem aqui não gostaria de morar onde eles moravam? Quem não gostaria de chamar aquela casa de sua?

Mas, indo além, Tootie e Addy tinham salvado umas das principais residências da avenida. Agora, eles eram considerados heróis arquitetônicos. Tinham gasto dezenas de milhões de seu dinheiro antigo para preservar uma esquina cada vez mais miserável da Quinta e retorná-la à sua antiga glória. Para aqueles que moravam perto de Tootie e Addy – e havia muitos aqui que moravam – o trabalho só os beneficiaria no mercado imobiliário, que ainda era difícil.

A condessa Castellani e o marido cego, conde Luftwick, foram o primeiro casal que Leana e Mario viram.

Leana os conhecia desde a infância e, apesar do fato de a condessa ficar um pouco incontrolável quando decidia dispensar o vermute nos muitos martinis que gostava de beber, ela não se incomodava com eles, especialmente por causa de seu comprometimento com a pesquisa do HIV, que era incansável.

Como Leana e Mario, eles tinham acabado de chegar e estavam parados entre três víboras que Leana não suportava – Kitty Flem Dixie, a herdeira do tabaco, Lorvenia Billiups, a herdeira da loja de departamentos, e Frieda Zulrika Teeple, a herdeira dos diamantes, cujo caso no mês anterior com três trabalhadores negros de uma de suas minas de diamantes da África do Sul causara um escândalo mundial. Aparentemente, o caso, ou a orgia, ocorrera em uma das minas enquanto os outros trabalhadores de Frieda Zulrika Teeple assistiam e torciam.

Leana ficou surpresa em vê-la aqui.

Ela olhou para Mario com um brilho nos olhos. – Vamos até ali dizer olá.

– Você está brincando.

Ela pegou a mão dele. – Quando minha mãe foi presa, cada um deles, com exceção do conde e da condessa, a jogou sob o ônibus.

Eles foram citados em entrevistas e a destruíram. Ficaram felizes ao difamá-la. Muito do que disseram nem era verdade. — Ela olhou para eles. — Eu sempre soube que o carma os atropelaria. Só não sabia que eu estaria dirigindo um dos carros.

Eles se encaminharam para o grupo. Quando Mario viu Frieda Zulrika Teeple, ele apertou a mão de Leana.

— Essa não é a mulher...

— Ela mesma.

— Aquela da orgia?

— Isso mesmo. É ela.

— Isso foi só há um mês e pouco.

— Não é ótimo? Ou ela é corajosa ou louca de aparecer tão cedo.

Vamos descobrir. Ah, e lembre-se de que a condessa Luftwick está meio fora de si.

— Meu Deus.

— Condessa Castellani — disse Leana, quando se juntaram ao grupo. — Conde Luftwick. Que bom vê-los.

Todas as cabeças viraram-se na direção deles.

— Leana — disse a condessa, enquanto a observava. — Você está linda. Muito anos trinta. Muito atual. Super vistosa. Aposto como Frieda não se importaria de ter esses diamantes, nem suas pernas. Como está sua mãe?

— Ainda esfregando privadas na prisão.

— Lamento saber disso.

— Direi isso a ela.

— Deve ser terrível para ela, toda aquela urina e sabe lá o que mais.

— Ela está aguentando firme.

— Todos os criminosos têm que cumprir sua pena — disse Kitty.

— É verdade, Kitty — disse Leana. — Lembro-me de quando seu pai cumpriu a pena por ter supostamente estuprado aquela jovem em uma casa de velório de Kentucky, enquanto, na sala ao lado, preparavam o corpo do pai dela para o velório. O vídeo da câmera de segurança obviamente foi falsificado, não importa o que as pessoas disseram e como ele parecia real. Acho que ele se deu bem.

— Ela fez uma pausa para admirar a joia no pescoço da mulher. — Que broche adorável, adoro como ele combina com seus olhos.

A mulher pareceu surpresa com o cumprimento e abalada pela menção do pai, cujas ações tinham desgraçado a família por anos. Ela colocou a ponta dos dedos na esmeralda gigante e estava prestes a dizer algo quando o conde Luftwick disse: — Leana, não consigo vê-la, mas tenho certeza de que é uma das estrelas do salão.

— Ela certamente está brilhando — disse Lorvenia.

Leana olhou para Lorvenia Billiups com um sorriso. — Lorvenia, não lembro de tê-la visto desde que estavam reprisando seu julgamento na Court TV.

— Você assiste à Court TV?

— Quando não consigo dormir, me acalmo vendo velhos amigos.

— Eles reprisaram o julgamento?

— Receio que você esteja por toda parte agora. Tento não perder aquele canal, pois nunca se sabe quem vai aparecer. Por exemplo, recentemente, era você. Posso dizer que não acredito por um minuto que você soubesse sobre todos aqueles trabalhadores ilegais em suas lojas de departamento?

— Obrigada. Eu realmente não tinha ideia.

— É claro que não — disse o conde Luftwick. — Os mexicanos têm um jeitinho de se infiltrar.

Todos o ouviram e alguns olhos se arregalaram com o tom racista. Houve uma pausa na conversa enquanto Lorvenia erguia o queixo.

— Tenho certeza de que você não sabia — disse Leana. — Mas fico feliz que as coisas tenham saído tão bem para você. Quisera eu que minha mãe tivesse recebido somente uma alga de canela e... — Ela fez uma pausa. — Quanto tempo você cumpriu?

— Seis meses. Em minha mansão em Bar Harbor, na costa do Maine. Vistas impressionantes. Os amigos voaram até lá para jantar. Meus filhos me visitaram. Os Ford e os Rockefeller foram oferecer apoio. Estranhamente, não foi nem um pouco desconfortável. Cuidei do jardim e passei algum tempo comigo mesma, o que nunca faço porque estou sempre muito ocupada. Foi quase como férias. Talvez as férias dos meus *sonhos*.

— Parece um pesadelo para mim — disse o conde Luftwick.

— Nem um pouco — disse Lorvenia. — Mas, claro, você nunca verá de fato a casa. Ela é divina. Que vista! Ah, como eu gostaria que as visse!

— Não posso ver merda nenhuma, Lorvenia. Você sabe disso. Então, pare de me encher o saco, ok? Pare de cutucar meus olhos. Minha nossa.

— De qualquer forma — interveio a condessa. — Estamos felizes por ter se dado tão bem, Lorvenia.

— Eu teria gostado dessa pena para a minha mãe — disse Leana.

— Mas sua mãe cometeu *assassinato* — disse Frieda. — Não é exatamente a mesma coisa, Leana.

— Não é — disse Leana. — Isso é verdade. — Ela estudou o rosto da mulher. — Você é sempre tão afiada, Frieda. Tão rápida. Eu a admiro por isso. E lamento se não escrevi para você desde sua crise pública recente. Eu queria, mas acabamos de voltar de nossa viagem ao redor do mundo. É terrível que esteja enfrentando todas essas mentiras e essa humilhação por causa de algo que a imprensa inventou. Alguns amigos estavam falando sobre isso em Paris. Outros em São Petersburgo e Pequim. Uma orgia sul-africana? Com três homens em uma de suas minas? Como é que uma coisa dessas acontece?

— Não aconteceu.

— Mas não param de dizer que aconteceu.

— Eu acredito que tenha acontecido — disse o conde. — Nessa cidade, a fofoca também vem pelos lábios do Senhor. Eu procuro o pior em todos. Até mesmo em você, Frieda. Algumas vezes, especialmente em você. Sinto muito.

— Ele só está brincando — disse a condessa, e Leana notou que ela estava enterrando as unhas no braço do conde.

— Estavam falando sobre mim em Pequim? — perguntou Frieda.

— Estavam. Mas acredito que seus advogados foram rápidos o suficiente para remover o vídeo do YouTube — disse Leana. — Foi quando descobri o que estava acontecendo, quando as notícias sobre o vídeo estavam entre os assuntos mais populares no Twitter.

— Eu estava entre os assuntos mais populares no Twitter?

— Em certo ponto, você era o assunto mais popular. Eu vi o vídeo e, apesar de as partes mais reveladoras terem sido disfarçadas, juro que não era você. Acho que a única que acredita é Lady Molesworth, que ouvi dizer que não consegue parar de falar no assunto. Mas você sabe como ela é. Quando vê uma pontinha de um escândalo, não

sossega enquanto não pegar o telefone e ligar para todos os que importam. Ela telefonou para a minha mãe na prisão no dia em que soube. Elas ainda mantêm contato. Acho que ela é o motivo de a notícia ter se espalhado tanto.

— Você verá que Lady Molesworth não está aqui hoje — disse Frieda, com um sorriso satisfeito.

— Não notei — disse Leana. — Mas espero que ela não esteja dando mais telefonemas com esse tempo extra à disposição.

Um garçom encostou no ombro de Leana e pediu a ela que se juntasse aos Miller e a Jean-Georges Laurent no Salão da Piscina.

— Parece que é a minha vez — disse Leana. — Adorei ver vocês todos. Transmitirei à minha mãe seus melhores votos. Sei que ela não teve notícias de vocês por algum descuido. Ela acompanha os jornais e entende que muitas de vocês estão excepcionalmente ocupadas.

Ela virou-se para sair e, quando o fez, somente uma pessoa preocupou-se em falar com ela.

— Até logo, Leana — disse o conde Luftwick. — Você sempre sabe tornar um grupo chato mais interessante.

CAPÍTULO 11

— Aquilo era necessário? — perguntou Mario, quando avançaram pelo corredor em direção ao Salão da Piscina. — Nós só fomos à Europa. Não fomos a São Petersburgo nem a Pequim.

— Fiz isso pela minha mãe. Fico furiosa por acharem que são melhores do que ela quando suas próprias vidas estão na merda. Elas são hipócritas e mereceram.

— Justo — disse ele. — Acho.

— Veja a condessa, por exemplo — disse ela. — Ela me conhece praticamente desde que nasci, mas, toda vez que falo com ela, parece que só nos encontramos uma vez antes e só se lembra de mim vagamente. Essa é a diferença entre nós. Dinheiro antigo, dinheiro novo. Eles preferem esquecer de nós, exceto quando precisam nos usar.

Ela acenou para Addy quando o viu. — Ele é uma exceção. Se não fosse por Addy, não estaríamos aqui hoje.

Quando ela avançou, os fotógrafos imediatamente começaram a estourar os *flashes*. Mario manteve-se para trás e moveu-se para o lado para permitir que Leana tivesse a notoriedade que achava que ela merecia. As pessoas que estavam observando a instalação de fotografias de Tootie Stauton-Miller viraram-se para ver quem estava causando tal comoção. Quando o fizeram, foi como se as fotografias da enorme casa na Quinta Avenida não importassem mais. Leana Redman não fora vista em público desde que levara um tiro de Louis Ryan. Nesse momento, ela era a maior celebridade do salão.

— Esse vestido — disse Addy, quando ela avançou para abraçá-lo. — Posso literalmente sentir a inveja no salão inteiro.

— Então é inveja? Eu senti algo diferente. Pareciam adagas nas minhas costas.

— Você é terrível e eu a amo por isso.

— Sobre o vestido — disse ela. — Diga-me. As pessoas estão protegendo os olhos por causa dele? Estão tropeçando umas nas

outras? Caindo? Batendo nas paredes? Derramando os drinques? Será que finalmente consegui ser demais para um salão só?

Eles ficaram abraçados por um momento. — Eu adoraria poder dizer, Leana, mas não consigo ver nada. Acho que, com esse vestido e todas essas câmeras, você está deixando todos cegos. É como se fosse uma daquelas esferas de luzes de uma discoteca.

— Então, meu plano funcionou.

Eles riram.

Ele pegou as mãos dela e deu um passo para trás para admirá-la. — De verdade, você está incrível. Melhor do que nunca. Acho que vai ser bombardeada com perguntas a noite inteira, mas provavelmente eu serei o único a se importar com a resposta. Então, deixe-me perguntar, como está?

Eles continuaram sorrindo apesar do peso da conversa. — Foi um ano difícil, Addy.

— E sua mãe?

— Acho que está bem. Ela é uma boa atriz, e acho que todos concordamos com isso agora. Então é difícil dizer. Acho que ela está aguentando firme.

— Diga a ela que a amo, ok?

— Quando eu falar com ela, claro.

— Só mais uma pergunta e minhas preocupações desaparecerão. Você está bem fisicamente? Os jornais disseram que a bala chegou muito perto da medula espinhal.

— Três milímetros para a direita e eu estaria em uma cadeira de rodas, desenhada por Prada se eu conseguisse convencê-los.

Ele ignorou a piada porque não a achou engraçada. Sua única resposta foi o balançar da cabeça. Os fotógrafos notaram a expressão grave no rosto dele e imediatamente a capturaram.

— Eles parecem sanguessugas — disse ele.

Ela virou-se e acenou para eles. — Eles sempre foram. Só mais uma pergunta, Addy. Meu pai está aqui?

— Eu não o vi.

— Você teve alguma impressão sobre se ele pretendia vir?

Ele colocou a mão sobre o ombro dela e aproximou-se. Uma explosão de *flashes* percorreu a multidão de fotógrafos, banhando-os em um ritmo rápido de luzes. — Eu não consigo decifrar seu pai,

Leana. Ele é um homem difícil. Mas eu não descartaria a ideia.

Leana estava prestes a falar quando foi anunciado que as pessoas deveriam ir para o Salão da Piscina.

Addy olhou para o relógio e procurou Tootie no salão. Ela nunca se atrasava e, de fato, estava vindo na direção deles. — Lá está Tootie — disse ele. — Entrando no salão. Jean-Georges fará sua própria entrada, porque é o que Jean-Georges faz. Por que não alimenta a imprensa com sua presença enquanto eu pego um microfone?

Leana deu um último passo à frente e virou-se em várias direções enquanto as pessoas chamavam seu nome. Quando terminou, ela ergueu a mão e sorriu para a imprensa, enquanto as pessoas continuavam a entrar no salão. Quando ela voltou para perto de Addy, Tootie estava lá.

— *Olá como está você?* — disse ela.

— Olá, Tootie.

Ela olhou com desgosto para o vestido de Leana. — Será interessante ver como ele aparecerá nas fotografias.

— Acha que será um problema?

— Talvez você pareça com fogos de artifício amanhã de manhã, querida. Prepare-se. De qualquer forma, acho melhor que você e Jean-Georges fiquem parados aqui, de costas para aquela janela, e de frente para a imprensa e para a multidão. Addy falará, eu direi algumas palavras solenes sobre as desventuras do suicídio e, depois, Jean-Georges oferecerá o prêmio a você.

Houve uma onda de aplausos quando Jean-Georges entrou no salão.

— Vá até lá e dê um abraço nele — disse Tootie. — As pessoas adoram abraços sem sentido. Sorria, sorria, sorria. Isso mesmo. Ótimo.

— Você está linda, Leana — disse Jean-Georges no ouvido dela.

— É bom saber disso. Eu acabei de ser advertida por Tootie de que, amanhã nos jornais, parecerei fogos de artifício.

— E quem melhor do que você?

Ela ficou surpresa com o charme dele. Ele era um homem alto, perto dos sessenta anos, com cabelos grisalhos fartos que complementavam a compleição bronzeada. — Foi gentil de sua parte

tomar o lugar do meu pai.

– Um amigo cometeu suicídio quando eu era jovem. Estou feliz em fazê-lo e pretendo oferecer minha própria doação hoje.

Eles se afastaram e Leana olhou para Mario, que a observava. Mesmo dali, ela podia sentir sua vontade de protegê-la. Ela abanou para ele e ele soprou um beijo.

Addy estava se aproximando com um microfone. Ao passar por ela, ele piscou. – Eu sei que esses eventos são horríveis – disse ele. – Dê-me cinco minutos. Terá terminado mais cedo do que pensa.

CAPÍTULO 12

Com Jean-Georges Laurent à plena vista, Carmen e Alex sentiram-se mais à vontade para procurar uma posição melhor.

Há apenas alguns momentos, Carmen telefonara para seu contato mais eficiente e confiável em Manhattan. O que ela pedira a ele poderia custar bastante, especialmente por causa da velocidade com que teria que trabalhar para conseguir, mas ela e Alex concordaram que era a única coisa a fazer se quisessem criar o tipo de caos de que precisavam em um esforço de sobreviverem.

As complicações eram claras.

Sem a ajuda do contato de Carmen, no momento em que Alex puxasse a arma e mirasse em Jean-Georges, alguém certamente veria e o lugar viraria do avesso. Mas, com a ajuda da distração que o contato dela oferecia, que tiraria o foco dele e o colocaria em outro ponto, as coisas podiam dar certo.

Enquanto o medo reinasse, Alex poderia matar Jean-Georges e Leana Redman enquanto o choque do que acontecera fosse lentamente registrado na mente das pessoas. Então, ele e Carmen escapariam pelo corredor, fugindo da loucura como se eles mesmos estivessem ameaçados.

Carmen olhou para o relógio quando Addison Miller começou a falar. O prêmio seria entregue em alguns minutos. O contato dela prometera que conseguiria, apesar do pouco tempo, e ela sabia que era verdade, pois ele geralmente tinha esses tipos de situações de emergência cobertos. Ele disse que telefonaria momentos antes de chegar, mas que não conversariam. O telefone dela estava ajustado para vibrar. Ele deixaria tocar uma vez antes de fazer o que tinha prometido.

Ela observou Tootie Stauton-Miller pegar o microfone do marido e deixá-lo beijá-la na bochecha antes de parar em frente a ele.

— Quem entre nós nunca foi tocado pelo suicídio? — perguntou ela à multidão. — Talvez um parente tenha tirado sua vida, um

amigo, um conhecido. Na onda desse desastre de Wall Street, que roubou tantos de nós de formas inconcebíveis, não consigo imaginar alguém aqui que não conheça uma pessoa que tenha escolhido o caminho de fuga mais sombrio.

Ela olhou para Leana. — Quando Harold Baines tirou a vida, Leana Redman sentiu todo o peso de sua morte horrível e decidiu fazer algo a respeito de forma proativa. Ela doou à nossa organização cinquenta milhões de dólares, que irão para o apoio e a educação em nossas organizações em todo o país. É um gesto incrivelmente gentil e significativo, e espero que todos se juntem a mim e a Addy ao reconhecer a importância de dar um passo à frente e fazer a coisa certa quando tem os meios para isso. Leana Redman é uma dessas pessoas e quero agradecer a ela publicamente. Obrigada, Leana, por seu presente de amor, pois sei que é isso que ele significa para você. Posso prometer a você que seu presente ajudará outras pessoas. O que você fez tocará pessoas que nunca conhecerá, pessoas que nunca encontrará, mas que serão beneficiadas. Isso mudará suas vidas para melhor. Elas irão em frente por causa de você e, por isso, nós a aplaudimos.

E eles o fizeram.

Carmen olhou para Alex. A mão dele estava dentro do casaco e ele estava pronto para agir quando chegasse o momento. Eles viram Tootie aproximar-se de Jean-Georges e entregar a ele o troféu de cristal para filantropia que ela e Addy criaram há anos. Quando ele o pegou, pareceu surpreso com o peso, o que gerou uma risada polida da multidão. O troféu era alto, sólido e brilhava sob as luzes dos *flashes* e das luzes alaranjadas que enchiam o salão. Ele pegou o microfone da mão de Tootie no momento em que o celular de Carmen vibrou.

Os minutos seguintes aconteceram como um borrão.

Carmen colocou a mão no braço de Alex, dando a ele o sinal.

Abaixo deles, na rua 53, na entrada de uma garagem que ficava imediatamente abaixo do Salão da Piscina, um carro cheio de explosivos rolou para dentro e o motorista fugiu.

Exatamente um minuto depois, o carro explodiu no momento em que Leana Redman ia discursar. A explosão sacudiu o prédio com tanta força que estilhaçou os vidros, jogando cacos de vidros sobre

as pessoas, cortando-as, incluindo Leana, que caiu no chão quando bolas de fogo entraram no salão.

Aqueles que estavam perto o suficiente das janelas à direita, acima de onde o carro estivera estacionado, queimaram-se com o fogo. As pessoas tentaram proteger o rosto e afastaram-se, enquanto outros gritavam de medo ou de dor.

Alex olhou para Laurent, cujo cabelo estava em chamas. Ele girava como um pião perto das janelas, com as mãos batendo na cabeça, tentando apagar as chamas, enquanto as pessoas à volta dele não o ajudavam, na tentativa de se protegerem. O som que ele fazia não era humano, vinha de suas entranhas e, de alguma forma, transformava-se em um grito infantil ao sair pela boca.

No momento em que ele parou de girar, Alex pegou a arma e apontou para a cabeça do homem. O cabelo de Jean-Georges não estava mais em chamas, mas o homem estava começando a entrar em choque. Quando Alex atirou, o rosto do homem recebeu o impacto, mas a cabeça dele liberou a pressão. Ela explodiu sobre Leana e Tootie Stauton-Miller, graças à bala de ponta oca que ele usara e que se expandia ao bater no osso.

Acabou em um instante, mas, naquele instante, Laurent pareceu cambalear, os braços balançando enquanto da cabeça arruinada jorrava uma torrente de sangue em direção ao teto.

Quando ele caiu para trás, Leana Redman afastou-se dele e gritou. O rosto dela estava coberto de sangue, fragmentos de ossos e pedaços de cérebro. O vestido prateado estava todo ensanguentado. No momento em que Tootie Stauton-Miller tocou em seu próprio rosto, ela espalhou as substâncias que o cobriam e, ao olhar para a mão, desmaiou. Ela caiu sobre Jean-Georges, com o rosto enterrado no que sobrara do rosto dele.

Um silêncio atordoado passou-se antes que a imprensa se recuperasse e começasse a tirar fotografias. A fumaça que vinha das janelas quebradas começou a encher o salão. O brilho do fogo que vinha do andar de baixo fazia com que as árvores do salão parecessem estar murchando nas sombras que ele lançava.

Alex mirou em Leana, mas um homem chegou ao lado dela e a levou embora. Ele atirou, mas errou quando Carmen bateu contra ele, graças às pessoas que se empurravam em um esforço de escapar

pelo corredor lotado.

— Precisamos sair daqui — disse Carmen. — Agora.

— Quer Leana morta ou não?

O tanque de gasolina do carro explodiu e mais janelas explodiram para dentro do salão. Alex perdeu o equilíbrio no momento em que o salão virou um pandemônio de puro pânico.

O lugar estava começando a encher-se de fumaça. As pessoas gritavam, berravam, engasgavam. Carmen olhou para o teto, vendo a fumaça entrando no salão e espalhando-se.

Os seguranças falavam na altura dos punhos enquanto uma avalanche de pessoas corria para as saídas do Salão da Piscina. Algumas correram para a cozinha, outras se empurravam tentando abrir caminho pelo corredor.

Alex olhou para Leana e viu-a avançando em direção à saída na parte de cima da escada. Ela era uma dentre a multidão, a cabeça abaixada, o vestido denunciando sua posição. Ele podia pegá-la, sabia que podia. Ele livrou-se do braço de Carmen quando a multidão chegou à saída de emergência, à porta que não se abria porque estava fechada pelo outro lado. Os homens começaram a bater nela com os ombros, mas ela não se abria.

— Venha comigo — disse ela a Alex. — Se nada mais nos matar, morreremos sufocados pela fumaça. Ainda há tempo.

Mas antes que ela dissesse mais alguma coisa, Alex começou a forçar o caminho por entre as pessoas que vinham em sua direção. Ele ainda podia vê-la. Aquele vestido pertencia somente a ela, mais ninguém. A arma dele estava escondida. Ele era somente mais uma pessoa tentando escapar.

Atrás dele, houve outra explosão, maior do que a anterior, jogando as pessoas no chão no mesmo instante em que a fumaça disparou o sistema de aspersão. Houve uma série de estouros quando os aspersores entraram em ação e começaram a molhar a sala de uma forma que deixaria o chão tão escorregadio que dificultaria ainda mais a fuga.

— Alex! — gritou Carmen.

Mas ele desaparecera.

CAPÍTULO 13

Ele avançou por entre a multidão, sem perder de vista o vestido prateado. Ela estava no pé da escada, tentando, junto com os outros, chegar à saída bloqueada acima. Os homens continuavam batendo na porta de saída, mas, como estavam muito próximos e amontoados, não havia espaço para o impulso de que precisavam.

Era difícil ficar de pé. O salão estava escorregadio por causa da água, que abafara parte da fumaça. As pessoas gritavam pedindo calma, mas ninguém ouvia. Jean-Georges Laurent acabara de ser morto com um tiro na cabeça. Tootie Stauton-Miller ainda estava caída sobre ele, o rosto enfiado no buraco oco do rosto dele. Addison Miller estava tentando levantá-la. O rosto dele estava lívido, molhado e brilhando por causa da água. Havia um assassino entre eles, as pessoas estavam assustadas e queriam sair.

— Isso não acontece com pessoas como nós! — Lorvenia Billiups gritou. — Por que isso está acontecendo?

— É a Leana Redman — disse Frieda Zulrika Teeple. — Aquela bala era para ela. Ela sempre foi um problema. Estão atrás dela, como da última vez. Fique longe dela!

— Alguém me ajude — gritou o conde Luftwick. — Não consigo enxergar! Bando de filhos da puta, sabem que sou cego. Onde está a minha mulher? Onde está a condessa? Por que ela não está me ajudando? Ela quer que eu morra, eu sei disso!

Enquanto os fios de insanidade formavam nós no salão, Alex aproximava-se de seu alvo. O vestido ficou limpo, graças aos aspersores. O cabelo dela descia em ondas grossas e molhadas. O homem com quem ela estivera mais cedo estava ajudando os outros, jogando todos os seus músculos contra a porta e tentando abri-la. A segurança tentava ganhar um pouco de controle, mas parecia que falavam no vácuo.

Alex olhou para Leana e encostou na arma. Se a segurasse abaixada e escondida ao lado, ninguém saberia que ele atirara nela.

Havia confusão demais. Ele olhou para trás para ver o caminho da fuga. Com toda a confusão, seria difícil chegar até Carmen e ao corredor, mas não impossível.

Leana Redman estava a uns dez metros de distância. Ele pegou a arma, segurou-a abaixada e estava prestes a atirar quando o salão caiu na escuridão.

Alex girou o corpo e esperou que os geradores começassem a funcionar. Mas isso não aconteceu, pelo menos não imediatamente. Em vez disso, as luzes de segurança piscaram e acenderam fracamente, como se uma criança estivesse brincando com o interruptor.

Acima da multidão, à direita de Alex, um tiro soou, fazendo com que as pessoas gritassem de medo ao jogarem-se no chão ou tentarem encontrar uma saída. Era Carmen. Ele sabia que era ela. E que o estava chamando. Estava pedindo que saísse com ela.

A mão dele estava na mesma posição que estivera quando ele mirara em Leana. Ela tinha se movido? Ele não tinha certeza, mas, mesmo assim, deu quatro tiros rápidos em direções similares. Ele ouviu joelhos caindo ao chão, a queda daqueles que estavam feridos ou mortos, e esperou que ela estivesse entre eles.

Ele virou-se e correu no escuro, jogando pessoas para o lado ao se aproximar do corredor e gritar o nome de Carmen.

Outro tiro soou, dessa vez próximo, à frente dele. Ele correu naquela direção enquanto as pessoas começavam a chorar. Tudo parecia estar acontecendo em câmera lenta.

As luzes começaram a piscar e, por um instante, ele viu o rosto dela. Era a visão mais bela que ele já vira. Ele a amava. Ela se destacava na multidão que ia em direção ao corredor, onde as pessoas se moviam mais livremente. Eles podiam escapar pela saída lateral, que levava à parte da frente do prédio. Mas no momento em que ele a alcançou, Carmen o deteve.

— O Salão da Grelha — disse ela. — Vamos pegar aquela escada e sair na lateral do prédio. Não na frente. No lado. Corra!

Ele segurou o pulso dela e correu ao seu lado. Juntos, eles atropelaram as pessoas em um esforço de chegar à escada, alcançar o saguão no andar de baixo e sair do prédio.

Outras pessoas corriam ao lado deles. Do lado de fora, a noite

parecia viva com o som das sirenes.

Carmen e Alex juntaram-se à multidão que saía desse inferno que tinham criado. As luzes começaram a acender e cuspir raios atrás deles, quase como se soubessem que estavam escapando e amaldiçoando a injustiça da fuga.

EPÍLOGO

UM MÊS DEPOIS

Exceto pelo biquíni preto que usava, Carmen Gragera caminhou nua até a doca de sua cabana redonda em Bora Bora, que ficava dentro do oceano Pacífico, e olhou para a água incrivelmente azul antes de mergulhar. Abaixo dela, podia ver uma onda de peixes espalhando-se para dar passagem e, novamente, ela pensou que, se isso não era o paraíso, não tinha mais esperanças de encontrá-lo enquanto vivesse.

Ela ouviu o barulho de outro corpo mergulhando e chegou à superfície ao mesmo tempo que Alex. Eles sorriram, nadaram em círculos e, em certo momento, foram em direção ao outro. Depois de passar quatro semanas com ele aqui, se o que sentia por ele não era amor, ela não sabia o que era.

- O que teremos para o jantar? – perguntou ele.
- O que você espetar com sua lança.
- Então, pode ser você no menu?
- Você é muito engraçado.
- Se isso a faz feliz.
- Pegou os óculos?
- Coloquei na beira da doca.
- Quer explorar?

Ele nadou até a doca, pegou os óculos e jogou um par para ela. Eles os vestiram. – Acho que veremos tubarões de novo. Faz alguns dias já.

– Nunca se sabe. – Ela jogou um jato de água nele. – Mas, caso eles apareçam, saiba que eu sairei da água dessa vez. Você não vai fazer com que eu me esconda atrás de algum recife, como da última vez. Eles chegaram perto demais e me assustam.

- Eles são tubarões de recifes e não têm o menor interesse em

nós. Onde está seu senso de aventura?

— Já tenho aventura suficiente com você. No quarto. E acredite, é mais do que o suficiente.

Eles mergulharam sob a superfície, que agora parecia nítida para Carmen, que estava usando os óculos. Cardumes de peixes pretos, que ela não sabia o nome, nadavam junto com peixes amarelos, tartarugas marinhas, peixes azuis iridescentes de rabos amarelos, algumas raias jamantas, poucas raias negras enormes e, perto do fundo, o recife de corais que sustentava tanta vida. Ela olhou para cima e, do outro lado da cabana, viu um cardume de outros peixes nadando em volta do fundo do barco dela.

Ela agitou os braços, subiu até a superfície para respirar e mergulhou novamente. Aparentemente, a presença deles agora era conhecida, pois, em segundos, os dois estavam rodeados por dezenas de peixes curiosos, listrados de amarelo e preto. Eles eram seus favoritos, pois eram gentis, belos, curiosos e destemidos.

Carmen olhou para Alex, que flutuava por entre os peixes, girando em círculos enquanto eles seguiam seu ritmo. Ela estava prestes a fazer o mesmo quando o que parecia um arpão entrou voando na água, passando a poucos centímetros dele.

Ele estava tão distraído pelos peixes enquanto girava que não viu nem ouviu o arpão. Rapidamente, ela nadou em direção a ele, quando outro arpão cortou a água.

Dessa vez, ele viu e ouviu o arpão, que passou por entre eles e acertou uma das tartarugas. O sangue espalhou-se na água, o que poderia atrair outras feras com as quais eles não queriam lidar.

Ela estava ficando sem ar, e tinha certeza de que ele também. Ela apontou para a cabana e eles nadaram o mais rápido possível, mas o redemoinho de bolhas os denunciou. Dezenas de arpões entraram na água. Um deles passou pelo cabelo dela, cortando um cacho. Alex chegou ao seu lado, colocou um braço em torno de sua cintura e eles nadaram furiosamente até chegarem ao grande bolsão de ar sob a cabana.

— Eles nos encontraram — disse ele.

— Como? Ninguém sabe que moro aqui.

— Alguém sabe.

— Isso é impossível.

— Obviamente não. — Ele olhou para cima. — Segure-se em uma daquelas vigas e puxe-se para cima. Estão atirando arpões. Um deles pode acertar nossas pernas.

Eles ergueram-se nas vigas.

— Não ouvi nenhum barco — disse Carmen. — Você sabe que é o único jeito de chegar aqui. A não ser por isso, estamos isolados.

— Eles podem estar mergulhando.

Ela balançou a cabeça. — Os arpões vieram de cima. Eles entraram na água *de cima*, não horizontalmente. Devem estar atirando em nós da praia. Precisamos chegar ao outro lado da cabana onde está o barco. — Ela mergulhou a cabeça na água. — Lá estão os tubarões — disse ela. — A tartaruga os atraiu. Bem abaixo de nós, estão destroçando o corpo dela.

Outro arpão foi lançado e, dessa vez, ficou claro que fora atirado da praia. Mas, em vez de entrar na água, o arpão atravessou a casa, quebrando o vidro e passando por janelas abertas antes de bater na água do outro lado.

— Eles viram o barco — disse ela. — O arpão atravessou a cabana. Como vamos sair daqui?

— Vamos usar o barco como escudo. Soltamos as cordas e o empurramos o mais afastado possível antes de entrarmos e sairmos daqui.

— Está me dizendo que temos que entrar na água, com todos aqueles tubarões? Coloque os óculos e olhe lá para baixo. Depois, diga-me o que faremos.

Ele olhou para ela por um momento, colocou os óculos e mergulhou a cabeça na água. Quando emergiu, a boca era uma linha fina. — Deve haver uma centena deles lá embaixo.

— Presumo que a tartaruga desapareceu.

— O sangue não.

— Na verdade, isso pode funcionar a nosso favor. Se virem o sangue subindo à superfície, podem pensar que um de nós foi atingido. Talvez morto.

Outro arpão atravessou a cabana, quebrando outra janela.

— Temos que chegar até o barco — disse ele. — É nossa única chance.

— Os arpões vão acabar — disse ela. — Podemos esperar até o

anoitecer.

— Carmen, ainda é de manhã. Eles acharão um jeito de chegar até aqui. Não sabemos se eles têm pistolas ou rifles. Eles vieram aqui para nos matar, não para nos assustar. Não podemos ficar aqui.

— Não acredito que estão fazendo isso — disse ela. — Avisamos a eles que, se chegarem perto de nós, seriam tratados exatamente da mesma forma com que tratamos Laurent.

— E se for outra pessoa? Alguém que cruzou seu caminho no passado?

— Pode ser. Não sei. Nada disso faz sentido. Você sabe como sou cuidadosa. Não entendo como alguém poderia saber que tenho uma casa aqui.

— Não importa agora — disse ele. — Vamos até o barco, você desliza para o outro lado dele, eu tiro as cordas e, quando estiver com você, nós o empurramos o mais longe possível. Quando os arpões não puderem nos alcançar, entramos, ligamos o motor e saímos daqui.

Ela sabia que não havia escolha. — Qual é a situação dos tubarões?

Ele mergulhou a cabeça na água novamente e voltou depressa, cuspidando. — Está pior. Agora temos tubarões-martelo.

— Vou vomitar.

— Vamos, temos que chegar do outro lado do barco.

Acima dele, um arpão soou uma advertência ao enterrar-se no deque.

Carmen mergulhou e olhou para os tubarões lá embaixo. Ela sabia exatamente onde o barco estava e nadou para o outro lado dele, sem tirar os olhos do cardume aterrorizante.

Até agora, os tubarões não pareciam interessados neles. Mas quanto tempo isso duraria? Eles estavam famintos, isso era óbvio. O sangue na água só podia pedir mais sangue. E havia algo que ela não contara a Alex, que deixava a situação ainda pior. Ela menstruara pela manhã, e por isso não estava totalmente nua. Ela tomara precauções, usando um biquíni preto e um tampão íntimo, mas mesmo um rastro de sangue nesse ambiente poderia atrair o interesse para eles.

Ela o observou nadar até as cordas. Havia duas delas, e ele teria

que erguer as mãos sobre o deque para desamarrá-las. Como estavam protegidos pela cabana, ninguém na praia poderia vê-los. O barco logo ficou livre e ele mergulhou até chegar ao lado dela.

— Agora, nós empurramos o barco — disse ele.

— Quanto?

— Talvez uns quinhentos metros.

— Empurrando esse barco? Com aqueles tubarões? Vamos em direção a águas mais profundas. Peixes maiores. É perigoso. Não sabemos o que há lá.

— Não vai demorar tanto quanto imagina. Vamos nadar, depressa, mas com os pés sob a água. Sem chegar à superfície. Entendeu? Se nos ouvirem, vão atirar.

— Em algum momento, eles verão o barco, Alex.

— Certo, mas, à distância, talvez não consigam nos alcançar. É uma chance que temos que aproveitar. Vamos — disse ele. — Nade.

— Preciso dizer uma coisa — disse ela. — Fiquei menstruada hoje de manhã. — Ela viu a preocupação no rosto dele e não esperou até que ele falasse. — Estou usando um tampão, mas não será suficiente. Os tubarões sentirão o cheiro do sangue.

— Então vamos nos apressar. Mantenha a cabeça abaixada. Se um tubarão chegar perto, bata na cabeça dele com o punho. Se a situação ficar perigosa demais, vamos torcer pelo melhor, entrar no barco e sair daqui.

Ela mergulhou a cabeça e, dessa vez, enfrentou seu maior medo. À distância, do lado direito, havia dois homens com roupas de mergulho. A água era tão clara que ela estimou que estivessem a cerca de cinquenta metros. Mas eles nadavam muito depressa e estavam diminuindo a distância rapidamente. Nas mãos, tinham armas de arpões. Quando ela viu um dos homens virar para o outro e apontar para eles, sabia que tinham sido vistos.

Ela ergueu a cabeça. — Dois homens, à direita. Arpões. Vindo direto para nós. Venha para o lado de cá. Vamos nadar no lado esquerdo do barco.

Ele olhou para baixo, viu os homens e nadou para mais perto dela, erguendo-se até que a boca ficasse logo acima da superfície. — Eles vão atirar em nós ou no barco. Os arpões afundarão o barco. Precisamos entrar nele e sair daqui agora. Não há opção.

Ela sabia que ele estava certo. Juntos, eles subiram no barco abaixados. Nesse momento, outro arpão atravessou a cabana, passando por sobre a cabeça deles.

Carmen correu para a parte da frente. O barco não era comum, era sofisticado e custara uma fortuna. Um girar da chave ligaria o motor. Mas no momento em que a girasse, os dois motores poderosos seriam ligados e eles seriam ouvidos. Ela olhou para Alex, que estava abaixado ao longo da lateral do barco. — Rápido — disse ele.

Abaixando-se o máximo possível, ela girou a chave, os motores rugiram e, subitamente, o ar tomou vida com arpões e tiros.

Ela acelerou.

Ou, pelo menos, tentou.

Abaixo deles, um dos homens atirou um arpão, que atravessou o lado direito do barco. Mas, em vez de sair pelo outro lado, o arpão enterrou-se na coxa de Alex e o prendeu ao barco. Ela olhou para ele horrorizada e viu o rosto dele contorcer-se de dor enquanto uma chuva de arpões caía sobre eles, alguns batendo no barco, a maioria caindo na água. — Ande! — disse ele por entre os dentes cerrados. — Mova-se antes que atirem de novo!

Sem pensar sobre as consequências ou sobre o que poderia acontecer com Alex, dada a situação do ferimento dele, ela forçou-se a concentrar-se e disparou com o barco, enquanto o tiroteio continuava.

Era um pesadelo. Ela podia ouvir vidro sendo estilhaçado e, em seguida, uma explosão quando um dos arpões acertou o tanque de propano na área da cozinha.

Ela olhou por sobre o ombro e viu sua amada cabana sendo devorada pelas chamas. Carmen passara tantos anos ali, mas a cabana desaparecera. Ela pressionou o acelerador com mais força, movendo o barco mais rapidamente até que, presumivelmente, estavam fora de alcance. Fez uma curva para a esquerda, em direção a uma enseada, enquanto sentia a água quente em torno dos pés. O barco ia afundar. Carmen pressionou o acelerador com mais força e entrou na enseada, que ficava a quilômetros da cabana e onde alguns dos nativos moravam. Ela conhecia uma das famílias, que poderia ajudá-los.

— Você está bem? — perguntou ela.

Ele não respondeu.

— Pode vê-los?

Silêncio.

Ela olhou para trás e viu que os olhos de Alex estavam fechados e que ele estava estranhamente pálido. Carmen olhou para o fundo do barco e viu que, o que achou que era água morna, era, na verdade, o sangue dele. O arpão e a perna dele, de alguma forma, impediam que a água entrasse no barco, mas não o sangue dele. O arpão tinha acertado uma artéria e ele estava sangrando muito.

Rapidamente, ela tirou a parte de baixo do biquíni e amarrou-a logo acima do ferimento. Bateu de leve no rosto dele, pedindo que falasse com ela. Nada. Ela o sacudiu e pediu que falasse com ela. Nada. Ela verificou o pulso dele. Nada.

O pânico a invadiu. Ele significava tudo para ela e Carmen não podia perdê-lo. Não era certo. Estava apaixonada por ele. — Não me deixe — disse ela, sacudindo-o com mais força. — Por favor, não me deixe. Fique comigo.

Ela precisava tentar ressuscitá-lo, mas não tinha como virá-lo de costas por causa da maneira como o arpão o prendera ao barco. Precisaria improvisar.

Carmen colocou o ouvido no peito dele, mas não ouviu nada. Verificou se ele estava respirando, mas não estava. Imediatamente, ela colocou o braço em torno das costas dele para apoiá-lo e bateu o punho no peito dele em um esforço de fazer com que o coração voltasse a bater. Pressionou a boca contra os lábios frios dele e forçou ar para dentro de seus pulmões, mas não houve resposta. Novamente, bateu o punho no peito dele e soprou mais ar. Ela repetiu o procedimento quatro vezes antes de ver se havia pulso. Mas não havia.

Ele estava morto.

Ela olhou para a praia distante e não viu nada além de fumaça subindo no ar acima de um grupo de árvores. Olhou para Alex e tudo dentro dela rejeitou o que viu. Ela encontrou uma toalha na parte de trás do barco e colocou-a sob a cabeça dele para deixá-lo confortável. Quando tocou no rosto dele com a parte de trás da mão e abaixou-se para beijá-lo pela última vez nos lábios, notou que seu corpo inteiro tremia de pesar e raiva. Ela queria voltar e matar todos

eles pelo que tinham feito com ele, mas isso seria suicídio.

Ela voltou para o banco do piloto e sentou-se, sentindo-se sem peso, sem esperança, inútil. Olhou para o oceano enquanto o barco balançava. A água batia nos lados dele. Era calmante, quase hipnótico, e ela se entregou à sensação. O tempo passou. O sol atravessou o céu. Ela só despertou quando algo bateu no barco e o empurrou. Ela olhou em torno quando algo fez barulho na água, forçando-a a voltar à realidade. Carmen olhou para a água e viu que estava fervilhando. Dezenas de tubarões estavam nadando em torno do barco, provavelmente atraídos pelo sangue de Alex, que vazava para a água.

Ela tinha que se recompor, precisava se salvar. Ele ficaria furioso com ela se não o fizesse.

Pense.

A família que ela conhecia na enseada poderia ajudá-la. Contatos nos Estados Unidos poderiam enviar um novo passaporte. Para sair dali, ela precisaria mudar de identidade, mas aquelas questões podiam ser resolvidas fora dali.

Quando o passaporte chegasse, viriam também os materiais necessários para fazê-la parecer com a nova foto. Ela já estivera em uma situação parecida, mas não igual a essa. Nunca estivera apaixonada. Ela queria gritar para o sol, mas o instinto a manteve em silêncio. Não podia entregar sua localização. Ela não deixaria que matassem os dois.

Ela ligou o motor novamente e, com Alex atrás de si, entrou na enseada, o coração transformando-se em gelo ao percorrer a extensão de água profunda. Vários tubarões bateram os rabos no barco, mas ela os ignorou, mantendo os olhos no horizonte. A ajuda estava lá. Havia pequenas cabanas sob as palmeiras ondulantes. Ela procuraria seus amigos e depois iria atrás de seus inimigos.

Ela se vingaria.

Eles pagariam pelo que fizeram.

* * *

No mês após o incidente no Four Seasons, Leana Redman permaneceu na cobertura da Park Avenue, sem vontade de sair de casa até que pegassem as pessoas responsáveis pela morte de Jean-Georges Laurent e que tentaram matá-la.

Algumas pessoas telefonaram, incluindo a mãe e o meio-irmão, Michael, mas, apesar da cobertura da imprensa que inundara a cidade pelo mesmo tempo em que os investigadores tentavam descobrir quem era o assassino, nem uma vez o pai dela telefonou.

Ela tentou dizer a si mesma que não estava surpresa nem desapontada, mas estava mentindo. A mãe disse a ela que ele nunca mudaria, o que era verdade. Ele esperava que ela telefonasse, o que não faria. Mais do que nunca, ela cada vez menos se importava com ele. Leana sabia que não era saudável perder muito mais tempo tentando imaginar por que ele era daquele jeito. Ele não se importava com ela. Por mais difícil que fosse, precisava aceitar isso.

Uma manhã, depois de muitas discussões com Mario, muitas das quais envolviam a segurança que ele queria contratar para quando ela emergisse, Leana decidiu que não podia ficar assim para sempre. No mínimo, ela devia a Harold recompor-se e voltar a perseguir seus sonhos. Não persegui-los era exatamente o que não queria. Ele a confiara seu dinheiro por um motivo específico, que não era somente ser bem-sucedida. Era acabar com o pai dela e ser bem-sucedida.

Por ela e por Harold, ela precisava conseguir isso.

Em algum nível, a melhor parte de sua vida estivera em risco, seja por causa das drogas que quase a mataram na juventude ou porque estava atrelada aos inimigos do pai agora que era adulta. Ela precisava se recompor, ir para o hotel e voltar ao trabalho. A reforma começara três semanas antes e ela precisava estar lá para ser parte dela. Precisava supervisionar o trabalho que estava sendo feito e dar orientações. O hotel era seu bebê e ela precisava cuidar dele.

E assim o fez.

Depois de tomar um banho e vestir jeans e um suéter, ela desceu a escada até a cozinha, onde Mario preparava o café da manhã. Estava frio lá fora e ele acendera a lareira na sala de estar ao lado da cozinha. Ele olhou para ela quando Leana entrou.

— Bom dia — disse ele.

Ela colocou os braços em torno dele e o beijou. — Está fazendo alguma coisa gostosa?

— A cozinha pode estar um pouco vazia, mas o forno funciona. Tome, fiz uma omelete para você. — Ele a colocou em um prato branco quando Leana sentou-se no bar de granito e sorriu para ele.

— Fez essa omelete para você mesmo.

— E daí? Farei outra. Suco?

Ela assentiu.

— Café?

— Só se eu puder tomar o bule inteiro.

— Pode tomar o quanto quiser. O que pretende fazer hoje?

Ela reclinou-se enquanto ele servia o café em sua caneca favorita e sentiu uma onda de alívio e gratidão quando disse: — Algo diferente.

Ele colocou a omelete em frente a ela. Mario não a estava pressionando e ela o amava por isso. — E o que é?

Ela pegou o garfo e começou a comer. — Acho que preciso sair — disse ela. — Mais um dia aqui e provavelmente criarei mofo. — Ela apontou para a omelete. — Está uma delícia!

— É o queijo.

— Seja lá o que for, está fantástica.

Ele quebrou dois ovos e começou a batê-los em uma tigela. — Então, o que vai fazer? Hoje é meu dia de fazer a corrida das sopas. Quer ir comigo? Não ia me importar com uma ajuda para descarregar a comida.

Desde que o conheceu, ele nunca deixara de ajudar os menos afortunados que ele. Ele ensinara a ela muito sobre isso. Não havia um abrigo em Nova Iorque que não tivesse se beneficiado pelos esforços dele. — Na verdade, se não se importa, acho que vou trabalhar — disse ela.

Mario colocou queijo na tigela, com um pouco de pimenta e cebolas, e ela pôde sentir que ele reprimia um sorriso. — Trabalhar, é? Está pronta para isso?

— Estou pronta — disse ela. — Na verdade, acho que estou mais do que pronta. Andei muito preguiçosa e está na hora de isso acabar.

Só de ouvir as palavras ditas em voz alta, ela ficou empolgada e,

ao mesmo tempo, nervosa. Não era boba, sabia muito bem o que estava enfrentando. Ela sabia das expectativas e do fardo que surgiria quando a imprensa descobrisse que voltara ao hotel para trabalhar em sua transformação em algo inesquecível. Também sabia das comparações que seriam feitas entre ela e o pai, entre ela e Celina. Essa Redman tinha tanto talento quanto aquele outro Redman? Leana tem o que a irmã tinha? O que o pai tinha?

Ela não sabia. Mas, apesar de todas as armadilhas e todas as coisas que poderiam dar erradas no próximo ano, havia uma coisa que ela não podia negar: a onda de empolgação e adrenalina que percorria seu corpo naquele momento a fazia sentir-se tão viva quanto na primeira vez em que encontrara Mario e se apaixonara por ele.

Ela podia sair do outro lado.

Podia sentir Harold em seu coração, Mario apoiando-a e até mesmo Celina, em algum plano etéreo, torcendo por ela.

Era hora de fazer um nome para si mesma, e não só por causa de um cheque assinado.

#

Livros de Christopher Smith
no Kindle

[Quinta Avenida \(Livro Um da Série Quinta Avenida\)](#)

[Corrida de Touros \(Livro Dois da Série Quinta Avenida\)](#)

[De Manhattan, com Amor \(Novela Três da Série Quinta Avenida\)](#)

[Coleção da Série Quinta Avenida](#)

[Coleção da Série The Bullied](#)

[From Manhattan with Revenge \(Livro Quatro da Série Quinta Avenida, em tradução\)](#)

[A Rush to Violence \(Livro Cinco da Série Quinta Avenida\)](#)

[You Only Die Twice](#)

Obrigado por adquirir e ler "De Manhattan, com Amor". Espero que tenha gostado.

Se tiver comentários ou sugestões, entre em contato comigo em [ChristopherSmithBooks](#).

Participe da minha página de fãs no Facebook [aqui](#).

Obrigado novamente.

Christopher